

# **DOCÊNCIA, EDUCAÇÃO INTEGRAL E TERRITÓRIOS EDUCATIVOS: CONSTRUINDO CARTOGRAFIAS PARTICIPATIVAS**

---

## **ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA MARIA OLINTHA**

**CURSISTA:  
BRUNA CARLA  
DÉBORA GRAZIELE BARROS  
HAUSLTON BRENO MOTTA  
JOELMA DA SILVA  
LUCIANA ALVES DA SILVA  
MARIA APARECIDA DE MEDEIROS RODRIGUES  
MARIA APARECIDA PINHEIRO DA SILVA  
PEDRO LUCCHESI  
ROSANA SILVA DE SOUZA**



# SUMÁRIO

**03**

Introdução

**05**

ETAPA I - As crianças, os adolescentes e os jovens de nossas escolas: os sujeitos por trás dos estudantes

**25**

ETAPA II - Mapeamento afetivo do território

**37**

ETAPA III - PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

**43**

ETAPA IV - Educação Integral e Processos Educativos: entre práticas e experiências

# DOCÊNCIA, EDUCAÇÃO INTEGRAL E TERRITÓRIOS EDUCATIVOS: CONSTRUINDO CARTOGRAFIAS PARTICIPATIVAS

Ao longo do nosso curso, nos cursistas fomos convidados/as a realizar uma pesquisa coletiva, a cartografia, sobre a realidade da escola em que vocês atuam. O nosso objetivo foi que esse exercício colaborativo de construção de conhecimento, envolvendo o levantamento de informações, a sistematização, a análise e a produção de registros, contribua para o aprofundamento do projeto político das escolas e para a organização do trabalho com os/as estudantes na perspectiva da educação integral.

Neste material, reunimos, a partir do desenvolvimento dos percursos, as nossas produções. Com isso, pretendemos colaborar com a sistematização das produções das escolas e, assim, subsidiar ações futuras.

Vamos juntos/as!

# ENTENDENDO AS “CARTOGRAFIAS PARTICIPATIVAS”

## 1. O que estamos chamando de cartografia participativa?

A cartografia participativa é uma metodologia de trabalho que se propõe a pensar a escola a partir do território onde ela se localiza, dos saberes que a atravessam e dos sujeitos que a compõem.

## 2. Qual a finalidade da cartografia participativa?

Mais do que um diagnóstico, a cartografia pretende ser um subsídio, uma espécie de mapa, para o trabalho dos profissionais da escola.

## 3. Como a cartografia participativa foi desenvolvida neste curso?

Em nosso curso, propomos a realização de uma cartografia participativa por escola e em etapas.

## 4. Como assim uma cartografia participativa “em etapas”?

As cartografias participativas foram compostas de quatro etapas que, ao final, irão configurar um plano de ação para a escola.

## 5. Quem realizou a cartografia participativa?

**Com o apoio das escolas**, os/as cursistas foram responsáveis por mobilizar e desenvolver as atividades das cartografias participativas em suas instituições.

## 6. Com quais sujeitos as atividades da cartografia deverão ser realizadas?

Foi nosso desejo que todas as pessoas da escola, mesmo aquelas não diretamente vinculadas ao curso e que não estavam atuando em sala de aula, colaborando com a construção da cartografia participativa.

Equipe do curso “Docência, Educação Integral e Territórios Educativos:  
construindo cartografias participativas”

# ETAPA I - AS CRIANÇAS, OS ADOLESCENTES E OS JOVENS DE NOSSAS ESCOLAS: OS SUJEITOS POR TRÁS DOS ESTUDANTES

Não dá para pensar em ensino remoto, ensino híbrido, educação integral, conteúdos, sem considerar a situação de vida dos/das estudantes neste momento. Nesse sentido, realizou-se um diagnóstico para conhecer melhor os/as estudantes e seus familiares — saúde, situação econômica e como estão lidaram com o momento da pandemia.

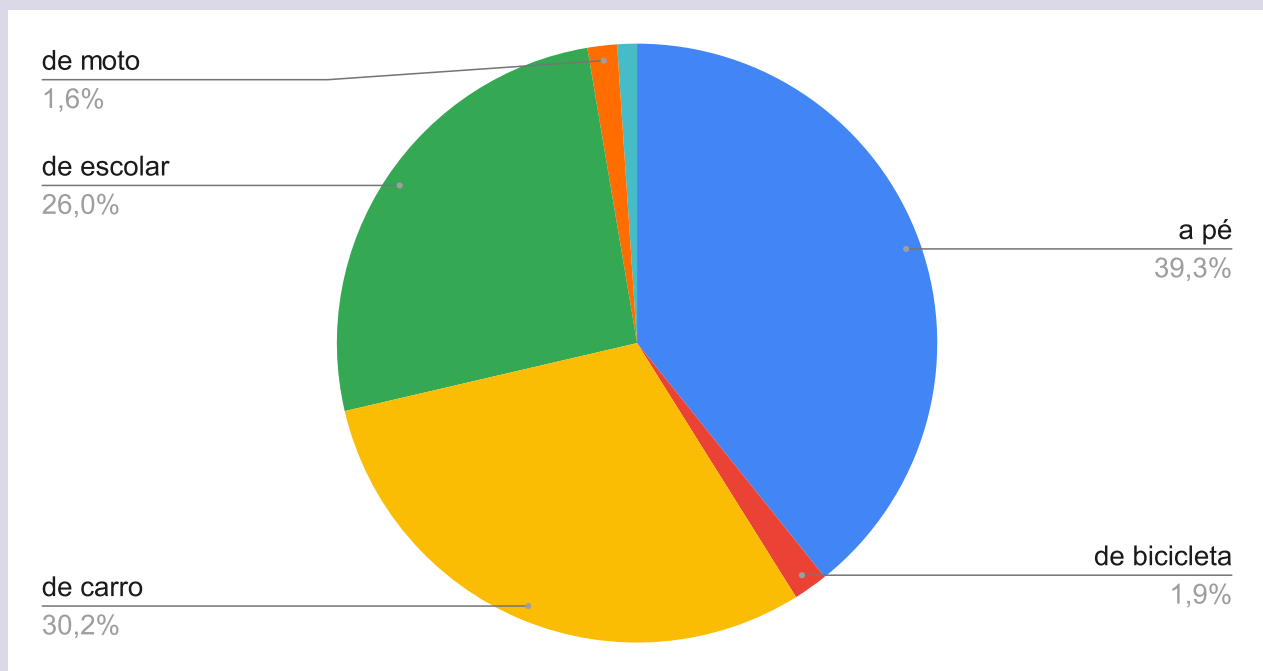
## QUEM SÃO OS SUJEITOS POR TRÁS DOS ESTUDANTES!

Veja a seguir alguns dos resultados da pesquisa realizada em sua escola junto às crianças, aos adolescentes e/ou jovens e uma breve síntese sobre as pistas que esses dados oferecem para melhor entendermos quem são os “**os sujeitos por trás dos estudantes**” em nossa instituição.

## Análise 6° a 9° ano:

Com a aplicação dos questionários nas turmas de 6° a 9° anos na E. M. Professora Maria Olintha e após o encontro síncrono em que discutimos alguns resultados obtidos com as respostas dos alunos, fazemos as seguintes considerações:

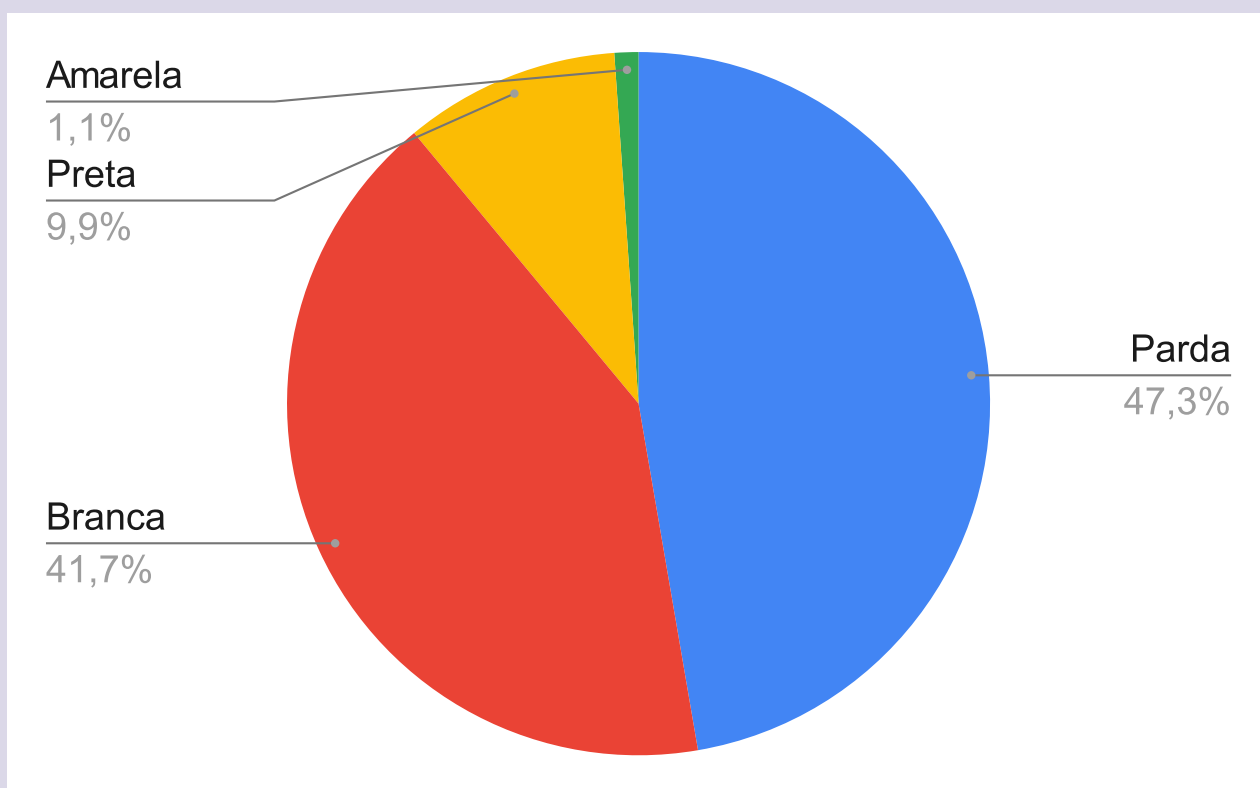
### Gráfico 1 - Como se deslocam até a escola:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Mais de 50% dos alunos se deslocam para a escola de carro ou de van, o que significa que o público da escola não se restringe ao seu entorno. Também é de se destacar um certo investimento financeiro e de tempo das famílias nesse deslocamento. Esse dado mostra que a metade da clientela da E. M. Professora Maria Olintha possui uma situação socioeconômica que oportuniza acesso à escola por meio seguro e rápido e atenta ainda para as características do território onde está localizada.

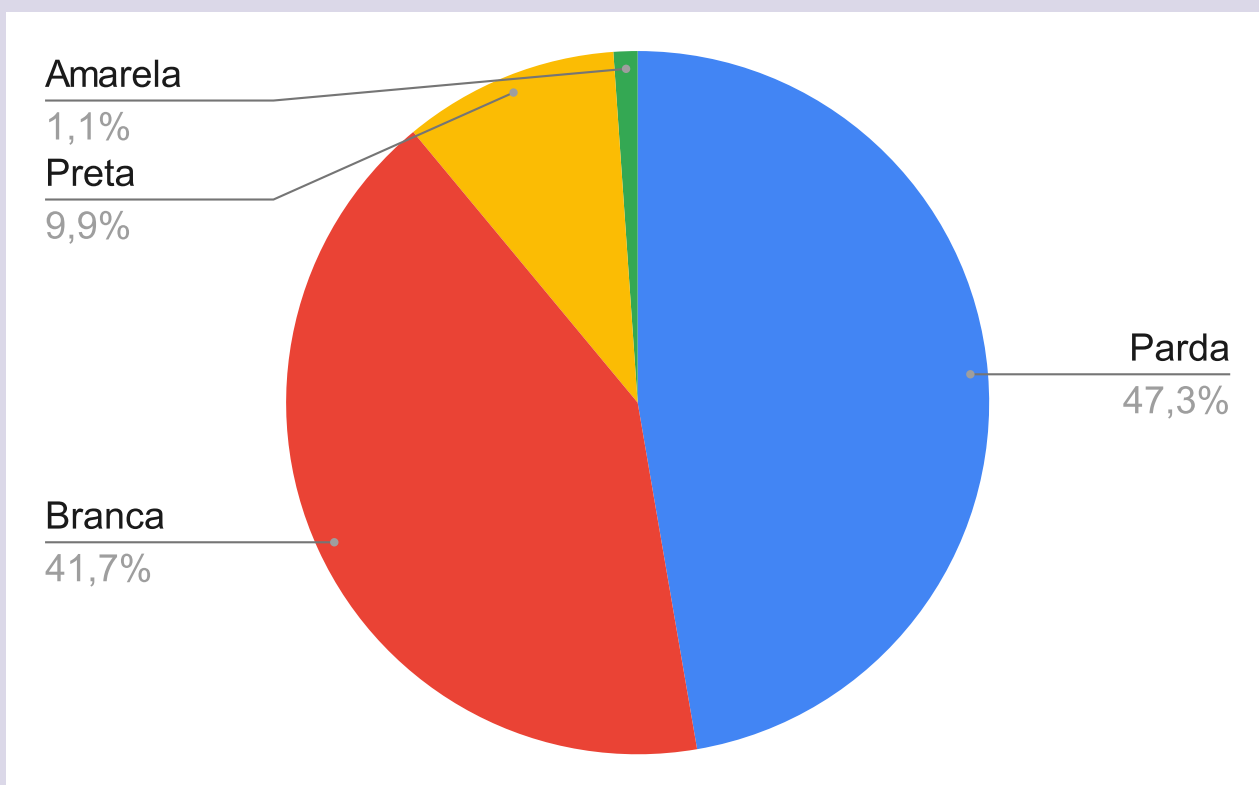
## Gráfico 2 - Cor/Raça:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

41,6% dos respondentes declararam sua cor/raça como branca, 47,2% como parda, 9,9% como preta e 1,1% como amarela. Chama demasiada atenção a correspondência desses percentuais com os dados da população brasileira. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. Isso indica a diversidade do público atendido pela escola e a sua representatividade em relação ao país.

### Gráfico 3 - Sexo:

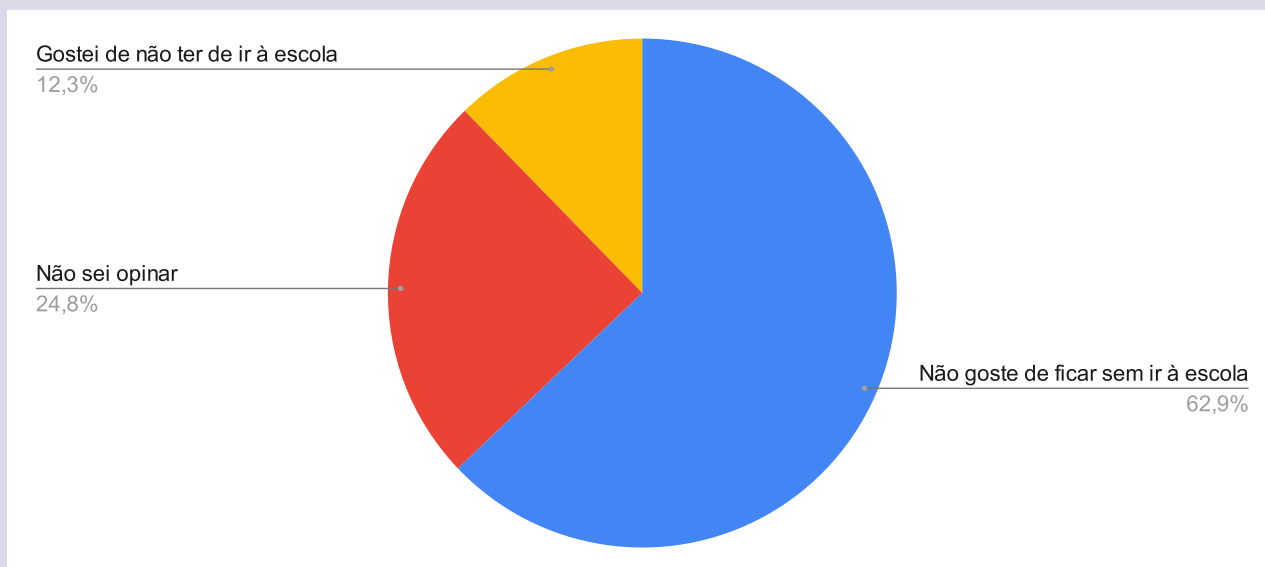


Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Em relação à identificação de gênero, 54,1% se identificam como mulher e 45,6% se identificam como homem. Entretanto, houve 0,3% que não se identificam nem como homem e nem como mulher. Apesar de o questionário não ter apresentado a opção de homem trans e mulher trans, é sabido que existem alunos que se apresentam dessa forma. Embora o diálogo acerca de questões sobre gênero em ambiente escolar ainda não possua significativa abertura, a escola, enquanto lugar acolhedor e que visa a formação integral do educando, deve ser capaz de debater tais questões inerentes ao mundo contemporâneo.



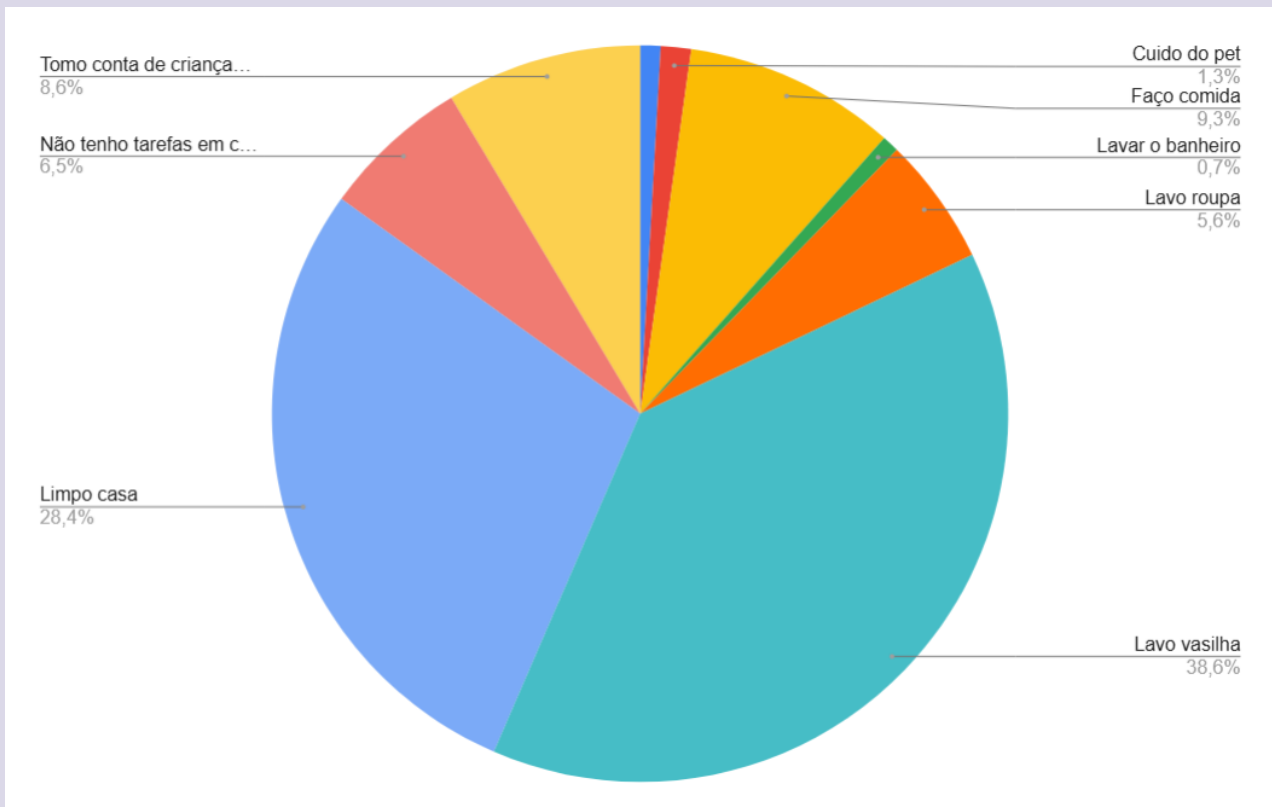
## Gráfico 4 - Durante o confinamento social:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Sobre o período da pandemia, 62,9% dos respondentes informaram não terem gostado de ter de ficar em casa e não ir à escola, o que indica a importância desse espaço na vida dessas crianças e adolescentes. E essa conclusão é reforçada ao considerarmos que voltar para a escola foi considerado legal para 74,7% dos respondentes. Talvez possamos dizer que as crianças e adolescentes estão satisfeitos com a vivência na escola em questão. Importante atentar para os 6,6% que responderam “Gostei de não ter de ir à escola”. Quem são esses sujeitos? Que experiências viveram nesse período? Serão os frutos da ansiedade e do estresse que a pandemia causou? Serão estes os estudantes com crises de ansiedade e pânico que recebemos em nossa escola hoje? Ou ainda aqueles que demoraram meses para ter coragem de sair de dentro do quarto e adentrar no espaço da escola? A privação de relacionamentos interpessoais afetou não somente a saúde mental das crianças, mas também as competências como respeito, empatia e confiança, dando lugar ao medo e à insegurança, que estão eclodindo agora, após o retorno presencial.

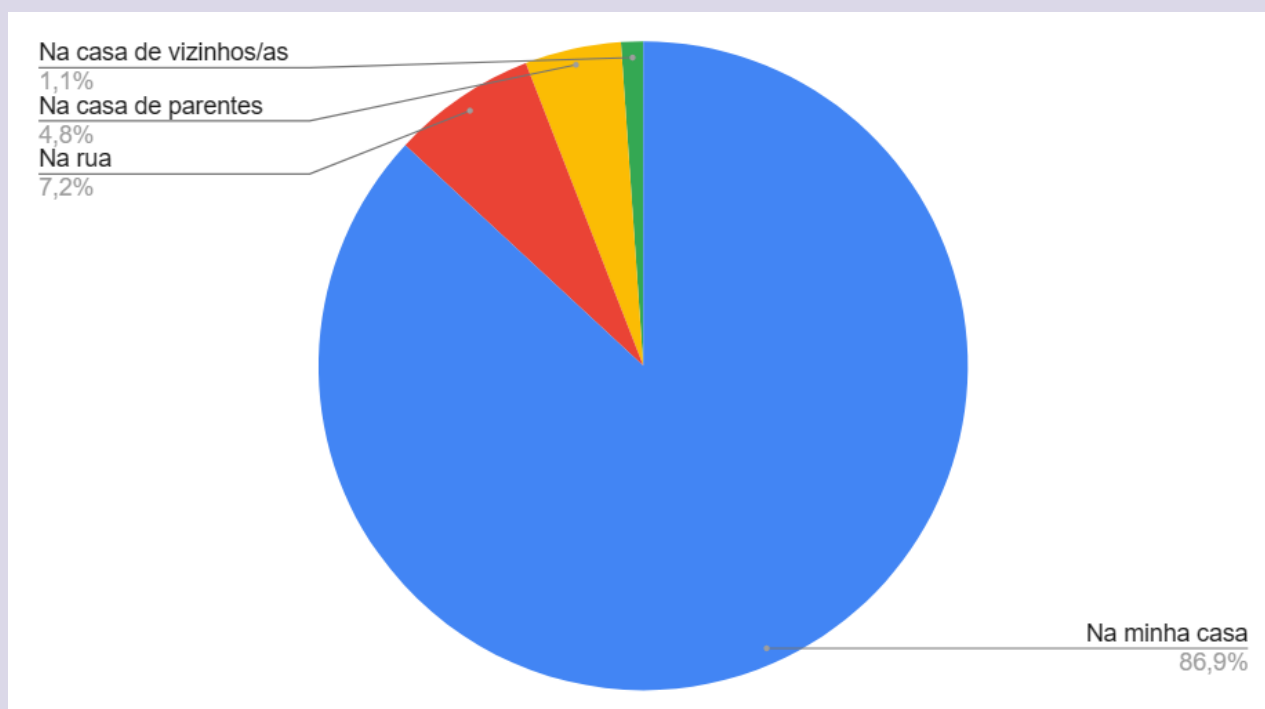
## Gráfico 5 - Tarefas em casa:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

A grande maioria dos respondentes possui alguma tarefa em casa, 65,9% deles lavam vasilhas e/ou limpam a casa, por exemplo. A ajuda das crianças nas tarefas domésticas, quando não é abusiva, é fundamental para o seu desenvolvimento, tanto pelo desenvolvimento motor, de percepção, e emocional, por se sentir útil. Além disso, estimula a independência e autoestima, e forma um sujeito capaz de se situar num meio onde as pessoas fazem coisas compartilhadas.

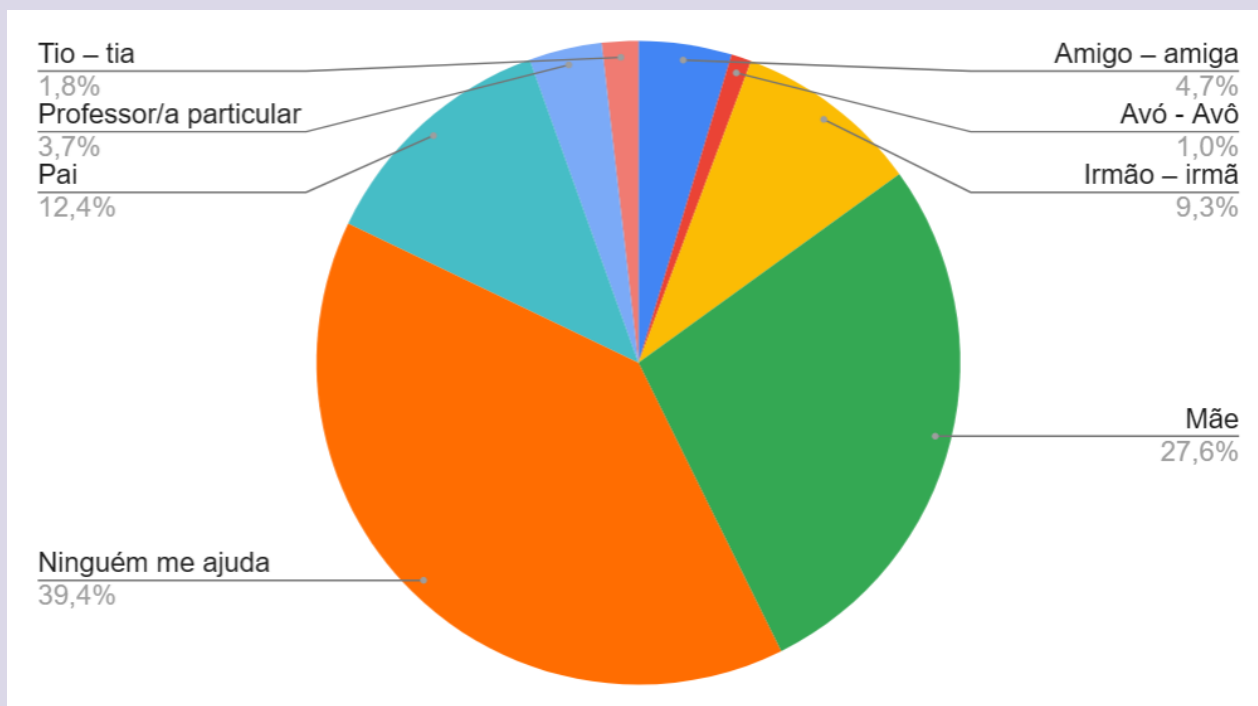
## Gráfico 6 - Onde mais ficam quando não estão na escola:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

86,9% dos respondentes ficam em casa quando não estão na escola, indicando como esse ambiente é importante na formação deles, sendo que 81,6% ficam com parentes em casa. Isso pode demonstrar que os respondentes apresentam uma rede familiar estruturada.

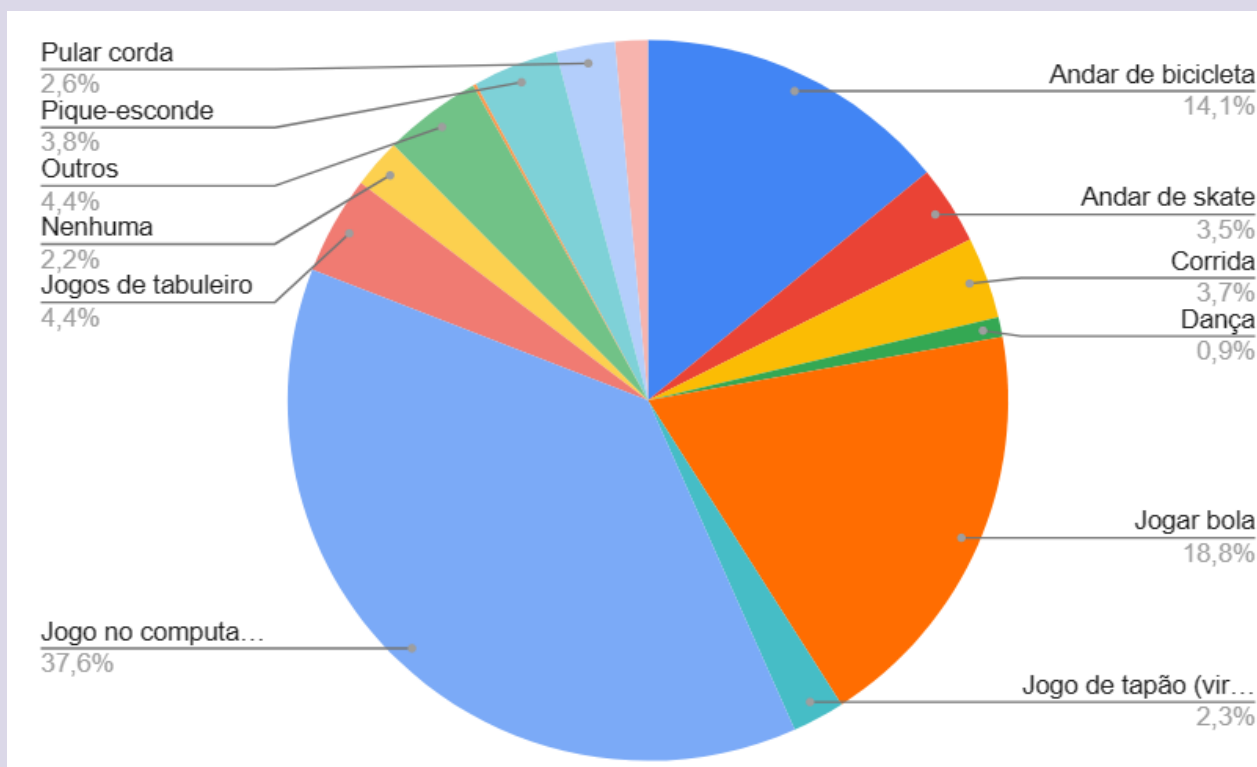
## Gráfico 7 - Quem ajuda com as tarefas da escola:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Parte considerável dos respondentes não possui pessoas que os ajudem com as tarefas da escola, 38,9%. Esse valor sugere que a participação dos pais na vida escolar de alguns educandos poderia ser mais efetiva. Apesar dos resultados da pesquisa apontarem para um público com um ambiente familiar mais estruturado, é possível ter um reflexo desse percentual na própria reunião de responsáveis do primeiro trimestre, onde a participação também poderia ter sido mais expressiva.

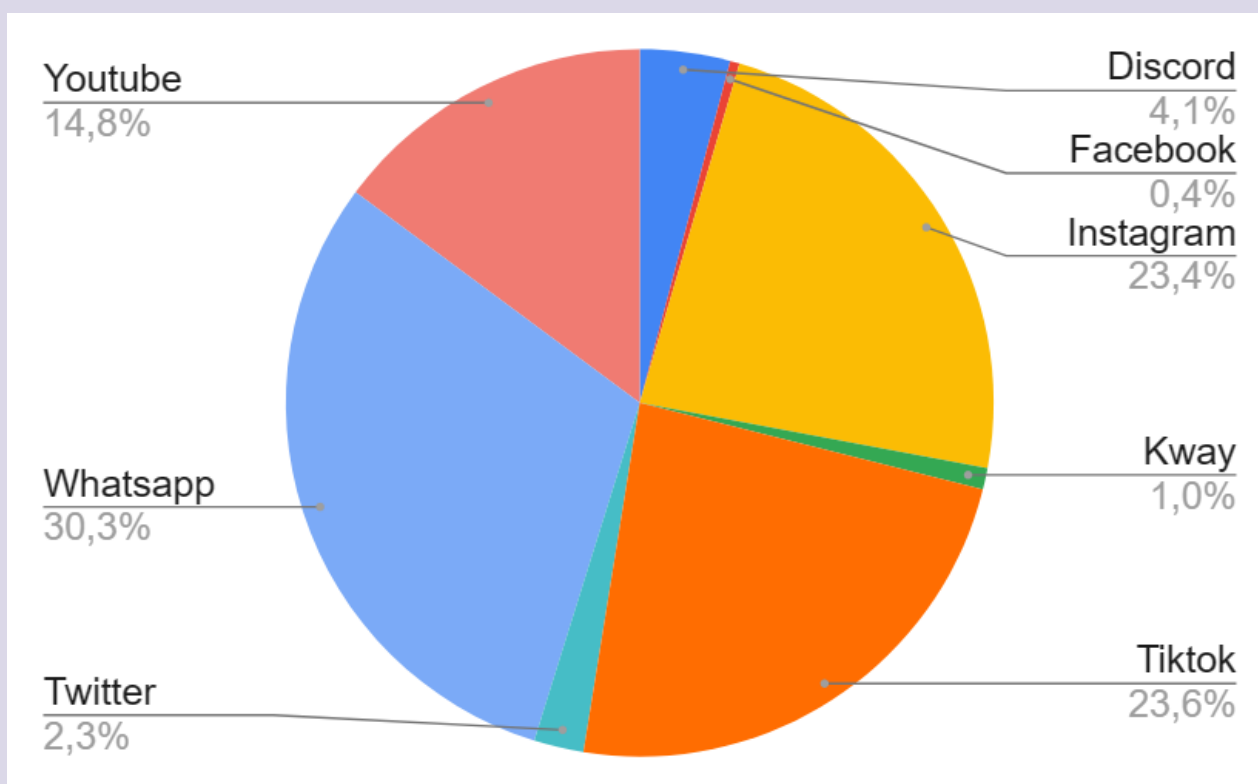
## Gráfico 8 - Atividades praticadas:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Jogos de computador, uso de celulares, andar de bicicleta e jogar bola são as atividades que receberam mais respostas dos respondentes para além das atividades escolares.

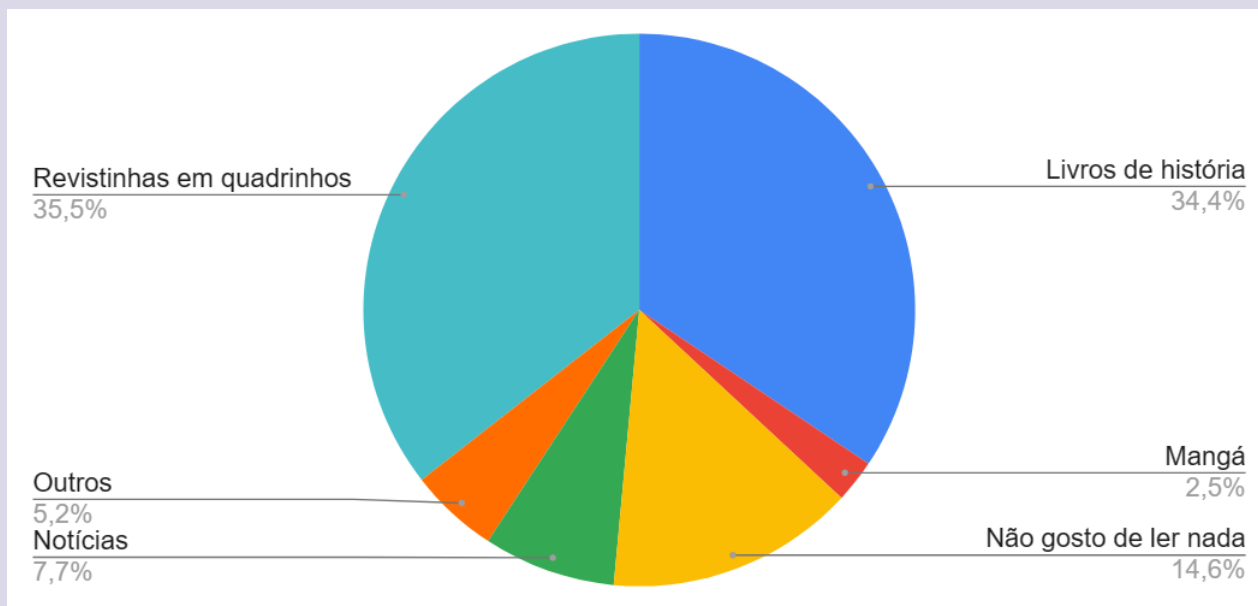
## Gráfico 9 - Aplicativos mais acessados:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Os aplicativos mais utilizados pelos respondentes foram, nessa ordem: Whatsapp, Tiktok, Instagram, YouTube e Discord. Chama a atenção que aplicativos de filmes e séries, a exemplo de Netflix e Disney Plus, quase não receberam respostas. Considera-se que se as respostas tivessem sido segmentadas por anos, teríamos informações ainda mais interessantes, pois é possível que o uso em maior ou menor intensidade de determinados aplicativos varie por faixa etária. A maioria dos respondentes é usuária ativa dos aplicativos, produzindo conteúdo neles, com destaque para a gravação e postagem de vídeos e fotos.

## Gráfico 10 - Leitura favorita:



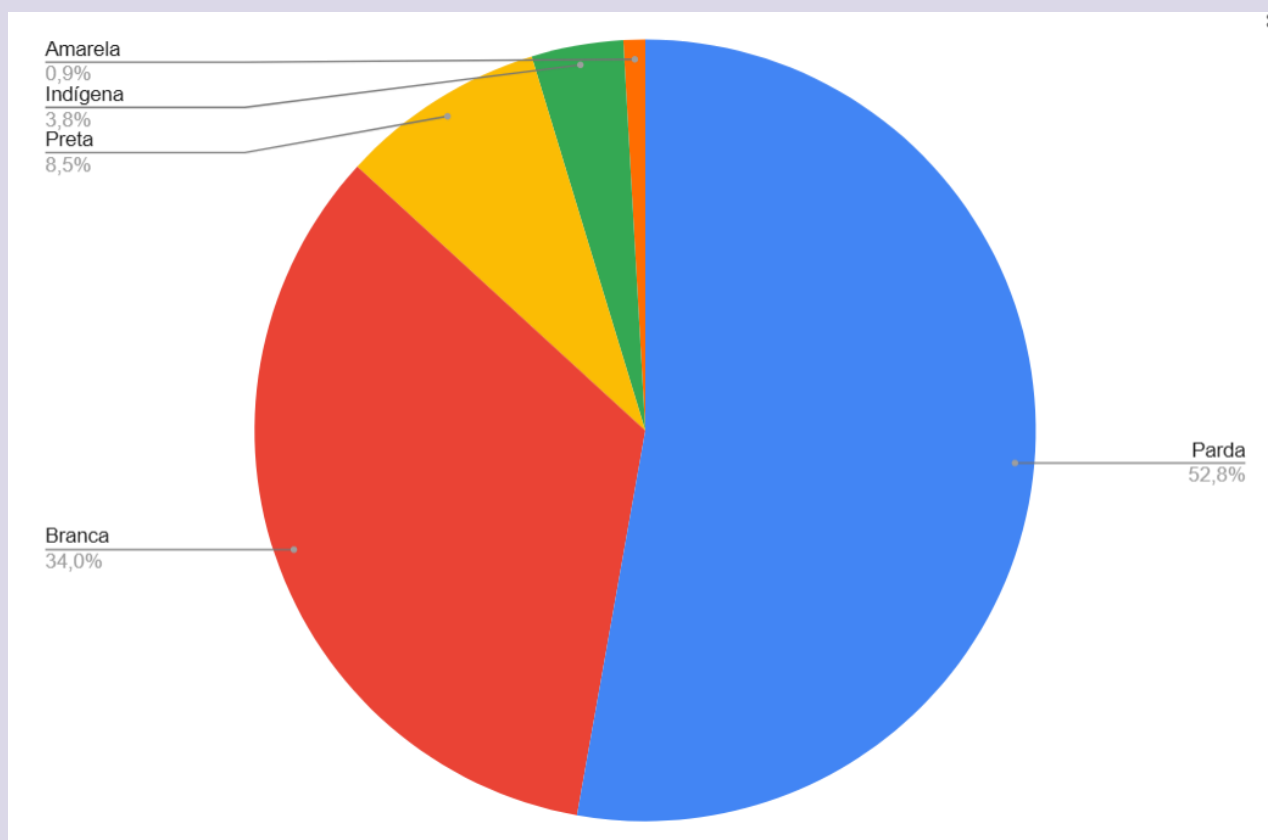
Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

É muito interessante perceber que a maioria dos respondentes se interessam pela leitura, apenas 14,6% disseram não gostar de ler nada.

## Análise 4º e 5º ano:

Com a aplicação dos questionários nas turmas de 4º a 5º anos na E. M. Professora Maria Olintha e após o encontro síncrono em que discutimos alguns resultados obtidos com as respostas dos alunos, fazemos as seguintes considerações:

### Gráfico 11 - Cor/raça:

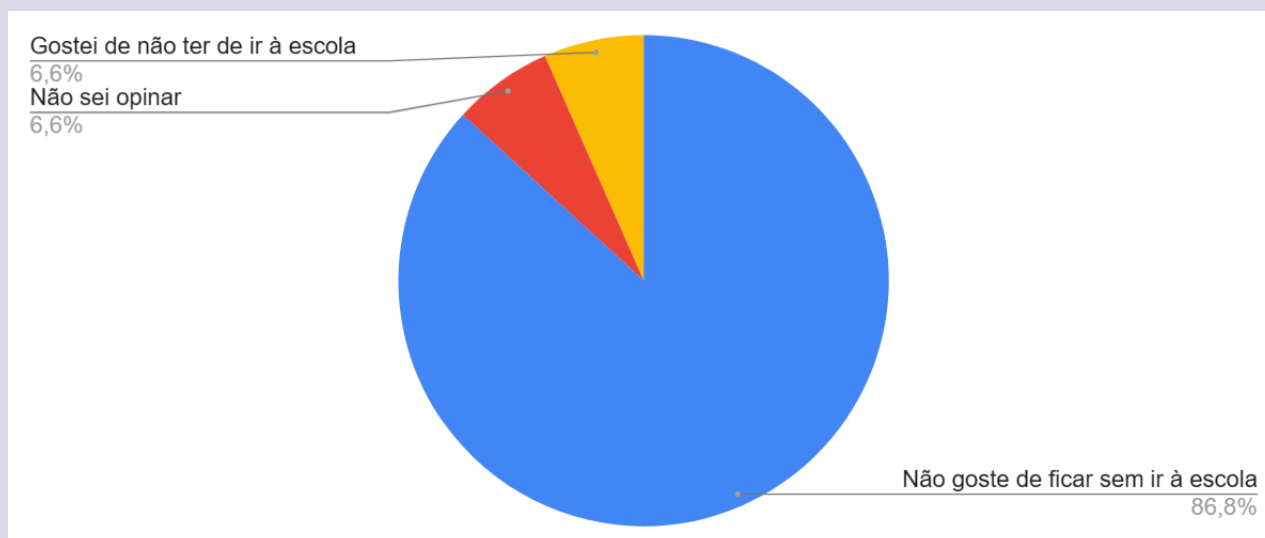


Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

52,8% dos respondentes declararam sua cor/raça como branca, 34% como parda, 8,5% como preta, 3,8% como indígena e 0,9% como amarela. Chama atenção a correspondência desses percentuais com os dados da população brasileira. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. Isso indica a diversidade do público atendido pela escola e a sua representatividade em relação ao país.



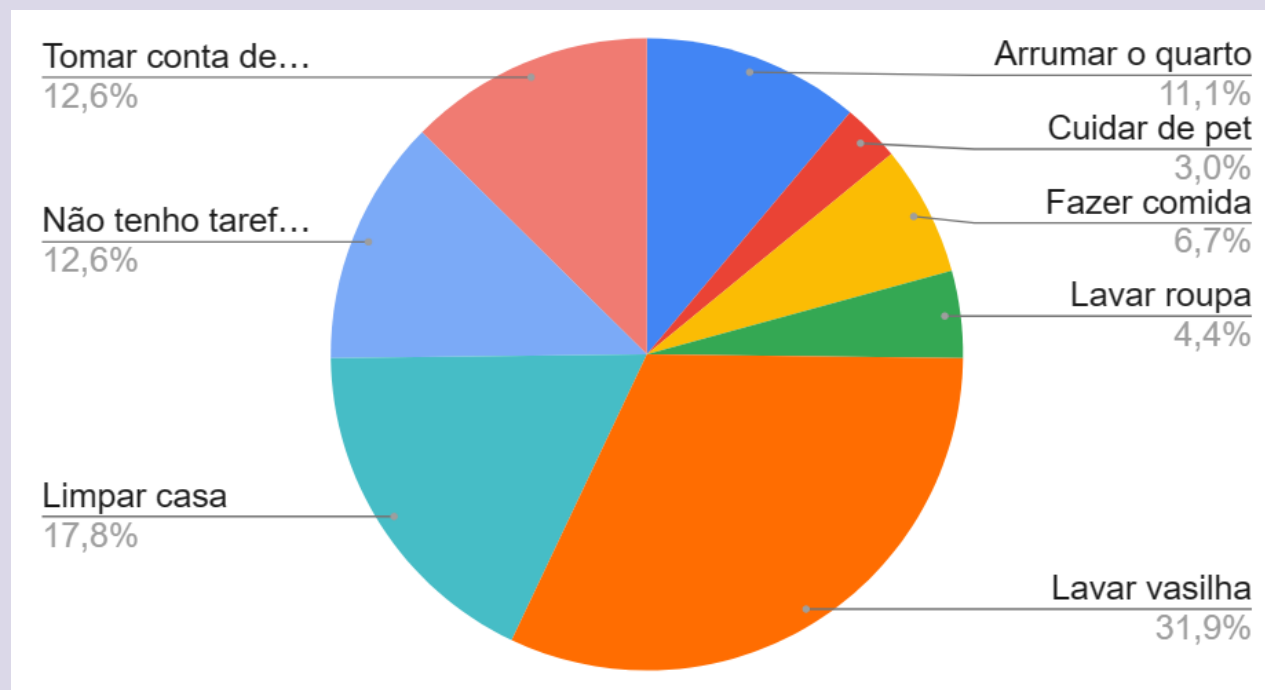
## Gráfico 12 - Durante o confinamento social:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Sobre o período da pandemia, 86,8% dos respondentes informaram não terem gostado de ficar sem ir à escola e apenas 6,6% afirmaram ter gostado de não ter que ir a escola, o que indica a importância desse espaço na vida dessas crianças. E essa conclusão é reforçada ao considerarmos que voltar para a escola foi considerado legal para 88,7% dos respondentes. No cotidiano escolar percebemos como as crianças precisam da vivência na escola, da importância da instituição escolar em relação a dois aspectos: sistematização do conhecimento e socialização.

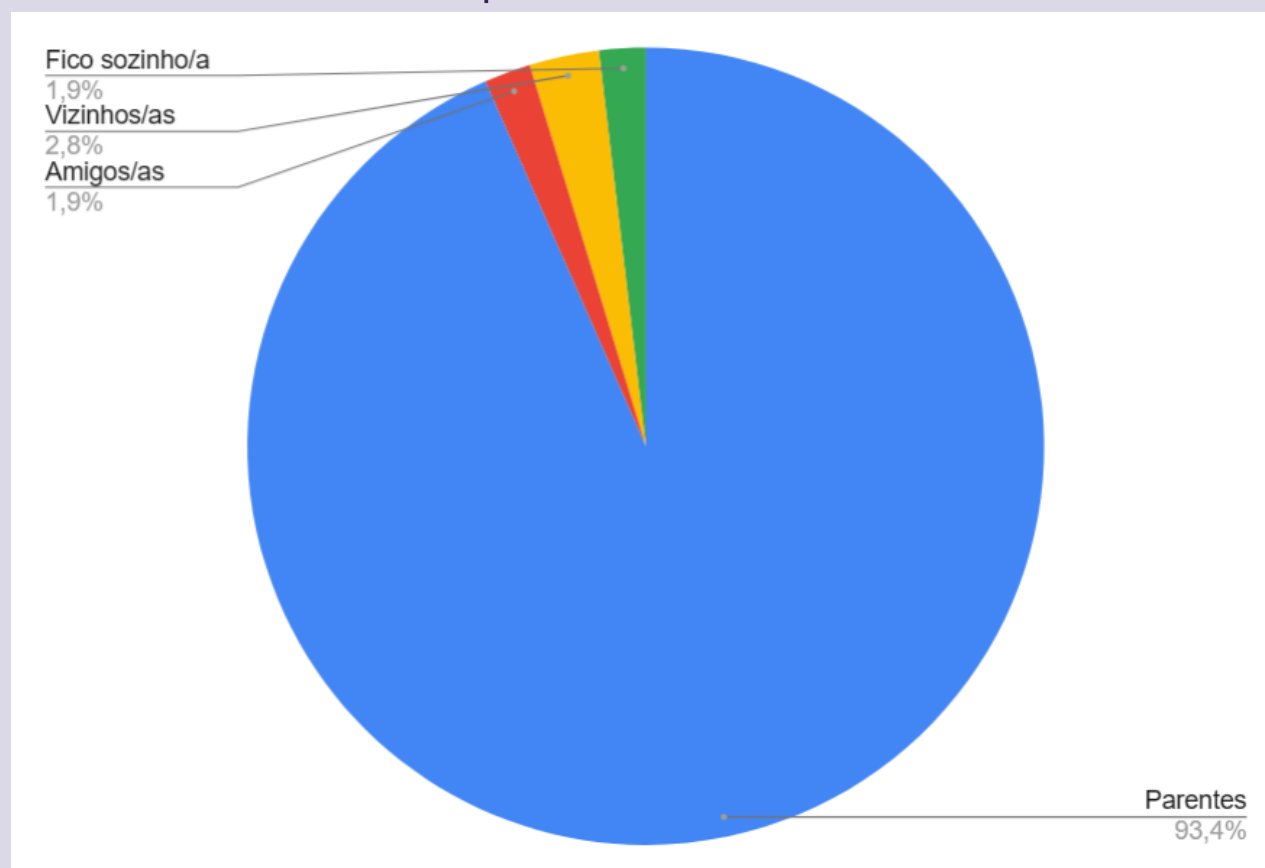
## Gráfico 13 - Tarefas em casa:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

A grande maioria dos respondentes possui alguma tarefa em casa.

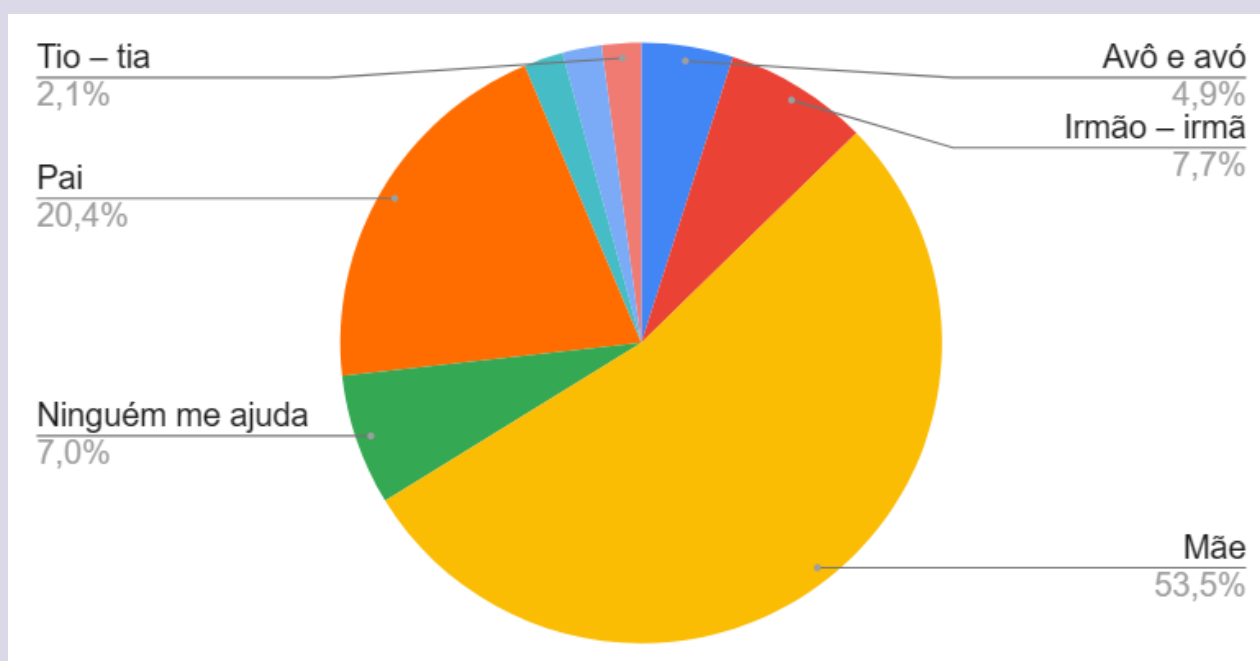
## Gráfico 14 - Com quem fica em casa::



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

44 dos respondentes ficam em casa quando não estão na escola afirmando que: brincam em casa, fazem atividades da escola ou jogam no celular ou no computador, sendo que 93,4% ficam com parentes em casa. Embora não exista na pesquisa a indicação de qual parente é responsável por esse estudante, durante conversas com os mesmos e ainda durante as atividades remotas desenvolvidas com os estudantes do 4º ano (3º ano, em 2021), foi possível verificar que a grande maioria ficava com os avós em casa. Embora estes não fiquem responsáveis por orientar os estudantes nas tarefas escolares, como indica a próxima questão.

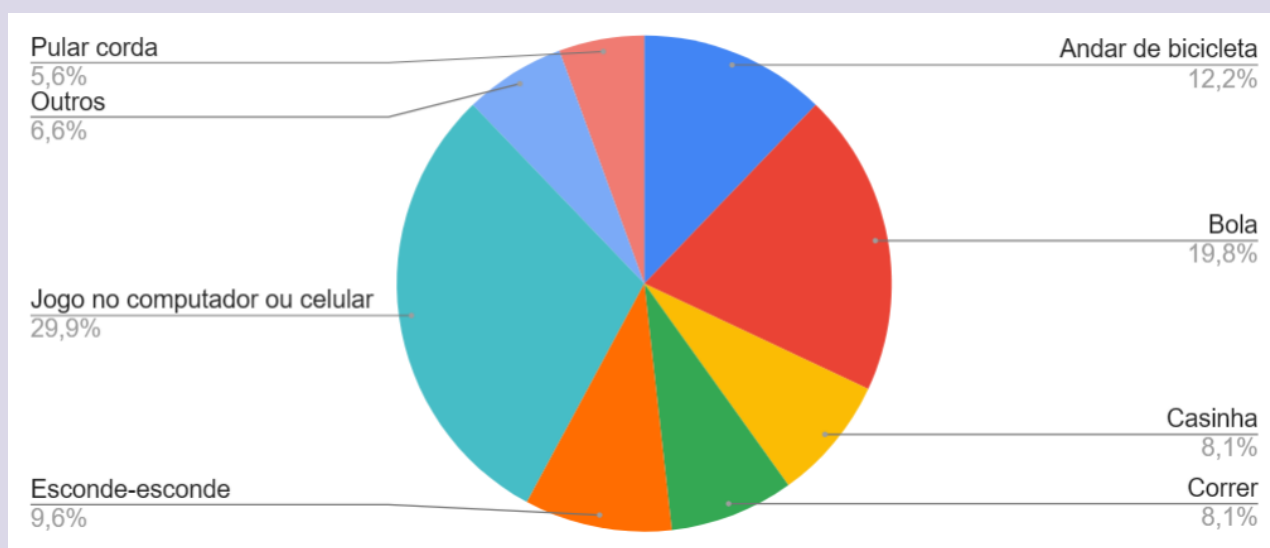
## Gráfico 15 - Quem ajuda com as tarefas da escola:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

A mãe destaca-se como a pessoa que ajuda nas tarefas da escola, correspondendo ao percentual de 53,5%. Já os pais correspondem a 20,4%. Analisando essa questão constata-se a questão da mulher com maior dedicação do seu tempo no processo de escolarização/educação dos filhos. A mulher está ocupando e desempenhando inúmeros papéis em sua rotina diária.

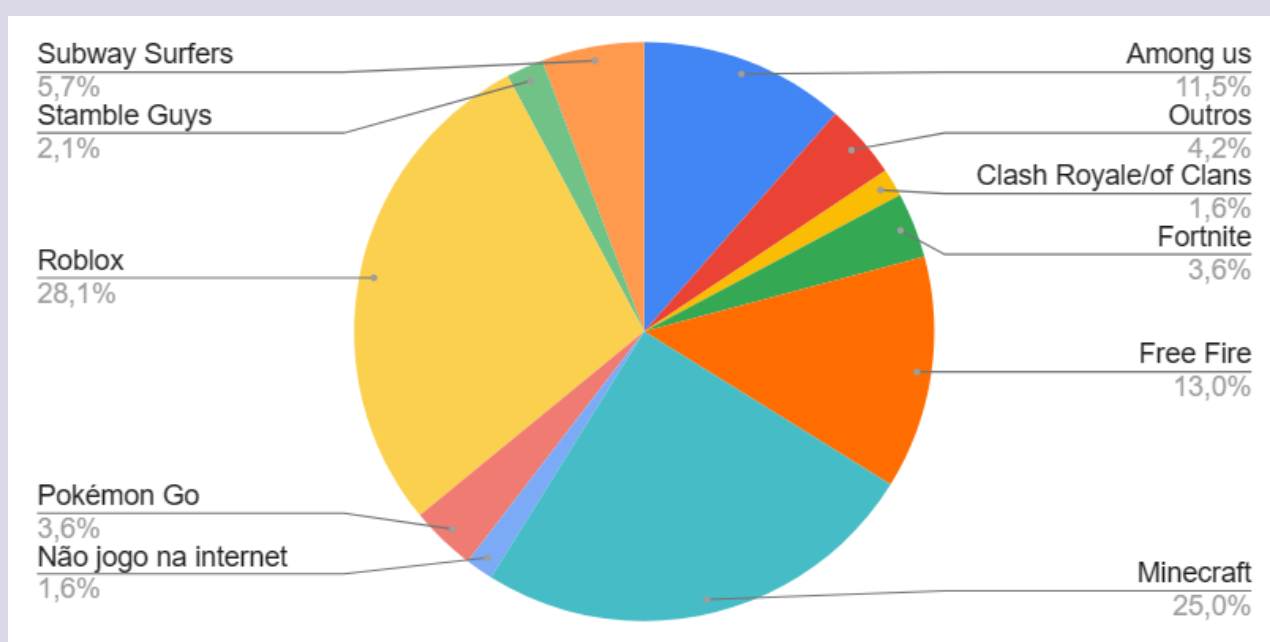
## Gráfico 16 - De que mais brinca:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Jogos de computador (59), jogar bola (39) e andar de bicicleta (24) são as atividades que receberam mais respostas dos respondentes referente a pergunta sobre o que eles mais brincam. Sendo que 62,1% brincam mais em sua própria casa e 20,5% brincam na rua. No contexto contemporâneo a residência é o local em que as crianças permanecem, em sua grande maioria, durante os momentos dedicados ao brincar.

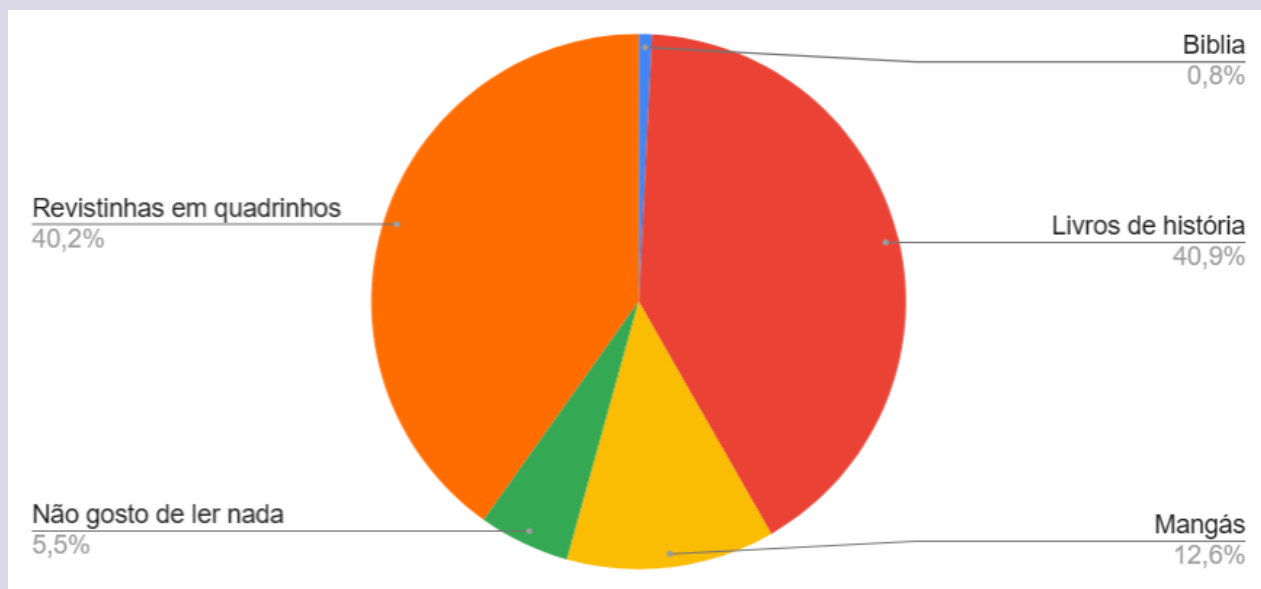
## Gráfico 17 - De que mais brinca:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

As maiores preferências em relação aos jogos no celular ou no computador são: 27,6% para Roblox, 24,5% para Minecraft e 12,8% para Free Fire, dentre outros citados.

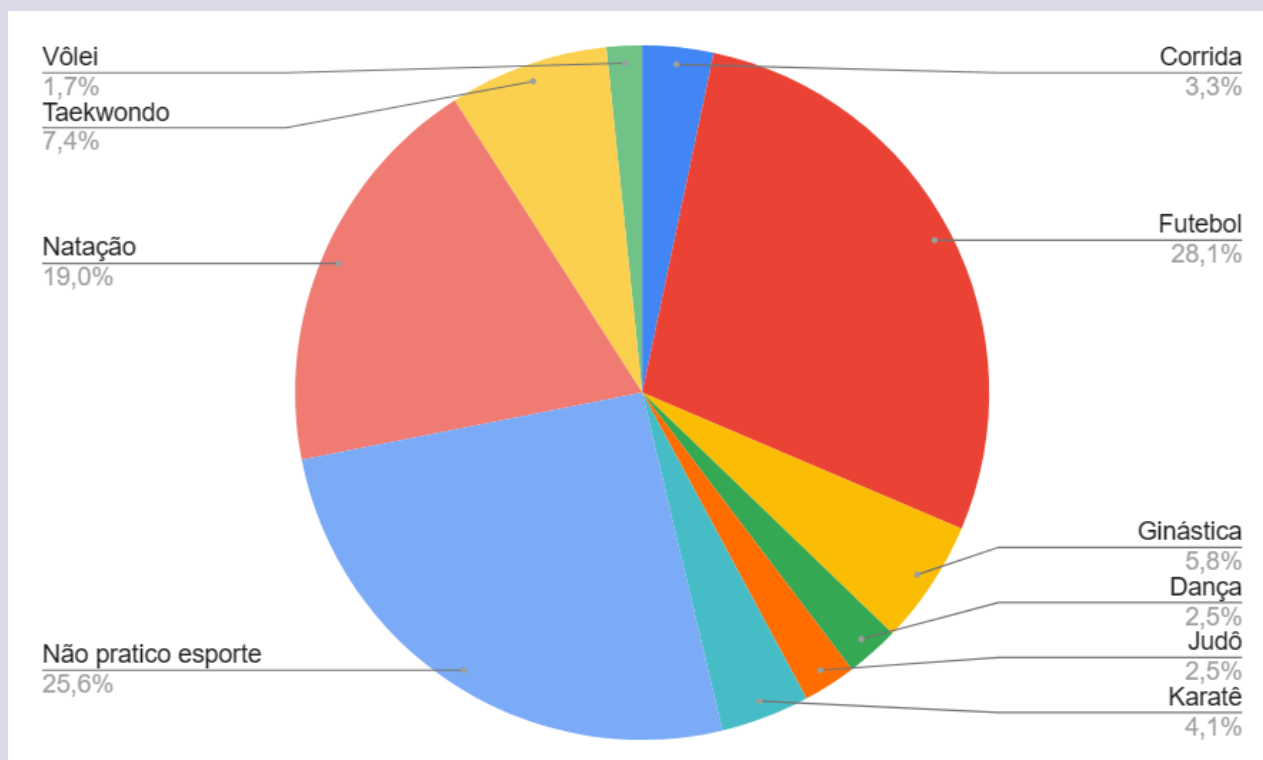
## Gráfico 18 - Leitura favorita:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Interessante perceber que a maioria dos respondentes se interessam pela leitura, apenas 5,5% disseram não gostar de ler nada. Livros de histórias e revistas em quadrinhos são os preferidos. Um respondente apontou a bíblia como leitura favorita.

## Gráfico 18 - Leitura favorita:



Informação gerada a partir dos dados extraído das respostas dos estudantes da Escola Municipal Professora Maria Olintha

Em relação à prática de algum esporte, 29% afirmaram não praticar nenhum esporte, 32% afirmaram jogar futebol, 21% afirmaram praticar natação. Outros esportes foram citados em percentuais bem reduzidos. É interessante associar o dado levantado referente à não prática de esporte à observação de uma professora 10 que no final do mês de março comentou sobre um número considerado de estudantes do sexo masculino apresentarem sobrepeso.

(Quando) somos maus alunos. Alguém já disse que um professor é tão somente um aluno mais velho, um aluno que nunca saiu da escola. "Mas da escola da vida ninguém sai – a não ser morto", como brincava Millôr Fernandes. Somos maus alunos porque estamos cheios de teoria e vazios de prática. Alguns até insinuam algumas lições para seus filhos, mas não passam de lições vazias de exemplos.

Somos maus alunos quando forjamos mentiras que apenas cheiram à verdade. Vamos aos templos mas apenas preenchemos um banco, ao invés de preenchermos outras vidas e as nossas mesmas. Somos maus alunos porque, condenamos alguém naquilo em que tropeçamos também. Oramos ao pai-nosso, mas tão presos à terra estamos. Nem sempre honramos Seu nome e comumente somos indiferentes ao próximo. Somos maus alunos porque nem sempre cuidamos da cidade – quando muito assentamos nossas casas em nossos próprios umbigos. Nem sempre votamos almejando a coletividade, mas preferimos, egoisticamente, depositar na urna a própria e exclusiva ambição por dias melhores.

Somos maus alunos sempre que tornamos a lição importante apenas uma anotação a ser usada no dia da prova – e nada mais. E ainda somos incapazes, muitas vezes, de compartilhar algo que vale a pena e que poderia transformar uma vida – ao menos uma... Somos maus alunos sempre quando chegamos atrasados para um abraço. Ou quando copiamos a matéria alheia no lugar do esforço próprio. Falamos de amor mais do que o praticamos sob a forma de perdão, solidariedade ou simplesmente tolerância. Mas nem tudo está perdido.

Seremos melhores alunos quando reconhecermos uma criança como mestre da simplicidade e um iletrado como possuidor de sabedoria de vida. Seremos alunos melhores quando, humildemente, assumirmos nossa sempiterna “aprendência”. Seremos melhores alunos quando colocarmos nossa alma e nosso coração em tudo e em todos - sem meias palavras, sem frieza, nem cálculo, apenas, e tão somente com humanidade e desinteresse próprio.

## Considerações finais:

A aplicação desse questionário serviu para o levantamento de diversas informações pontuais acerca dos nossos alunos, mas, além disso, serviu como um momento de escuta. Tivemos a oportunidade de compreender um pouco da história de cada sujeito e de alguma forma, aproximar de sua vivência, com suas opiniões, preferências e contexto familiar.

Além disso, nos aponta um rumo assertivo como trabalhar as várias pluralidades inseridas neste contexto pós-pandemia, em que percebemos ainda mais a afetividade e carência dos alunos aflorada em todos os sentidos. E, quando dizemos desta pluralidade, podemos citar questões de gênero, muito presentes na escola, a exemplo de um (a) aluno (a) que está neste processo de identificação de gênero e expondo isso aos professores, e também de questões raciais e identitárias que englobam o reconhecimento de si e do outro, mas a valorização de uma cultura.

A aplicação deste questionário nos faz refletir sobre as várias práticas como citado acima, somos só “professores depositores” ou podemos fazer diferente com uma educação inclusiva, identitária, afetividade que englobe professores (as) e alunos (as) protagonistas de uma história?



# ETAPA II - MAPEAMENTO AFETIVO DO TERRITÓRIO

A Cartografia do Percurso II teve como objetivo favorecer uma maior articulação da escola com o território onde ela está inserida. Para isso, propusemos que vocês realizassem o Mapeamento Afetivo do entorno da escola.

## Cursista:

Bruna Carla

Débora Grazielle Barros

Hauslton Breno Motta

Joelma da Silva

Luciana Alves da Silva

Maria Aparecida de Medeiros Rodrigues

Maria Aparecida Pinheiro da Silva

Pedro Lucchesi

Rosana Silva de Souza



Com os desenhos esboçados, temos em evidencia 4 (quatro) construções, sendo elas: dois prédios, a escola e uma unidade do Supermercados BH. Os prédios indicam lugares em que esses estudantes habitam com suas famílias, as quais são muito importantes para a proposta pedagógica da escola. Com o apoio das famílias é possível termos alunos mais engajados, a adesão a projetos que a escola sozinha não conseguiria realizar ou que sem o incentivo das famílias não seriam suficientemente potentes.

O outro espaço representado, além da própria escola, é o Supermercados BH, espaço em que alguns estudantes da escola se reúnem após as aulas, segundo relatado por eles próprios. Talvez seja possível a parceria com o supermercado para trabalharmos com os alunos atividades relacionadas a orçamento familiar, a organização de espaços e a tipos de trabalhos existentes.

O território representado pelos alunos nos ensina que nem sempre os espaços funcionam em função daquilo que foram planejados, outras apropriações são feitas. Um supermercado, por exemplo, serve como ponto de encontro para os estudantes e não apenas como um lugar para se comprar produtos de uso doméstico.

O registro realizado pelos estudantes dos 6º e 7º anos, mapeando o trajeto realizado entre sua casa e a escola, nos fez perceber que alguns deles têm uma visão automatizada do que o cerca dentro do território: as casas vizinhas, os supermercados, empresas, hospitais e praças.

Percebemos também que para alguns o transitar pela praça e as idas ao supermercado, traz uma grande memória afetiva, pois é o local onde se tem momentos junto a família. O olhar afetivo se estendeu também no momento em que citaram a presença de árvores floridas no trajeto diário que fazem indo e voltando da escola.

## Reflexões sobre os relatos dos estudantes:

O registro realizado pelos estudantes dos 6º e 7º anos, mapeando o trajeto de suas casas até a escola, nos fez perceber que alguns deles têm uma visão automatizada do que o cerca dentro do território: as casas vizinhas, os supermercados, empresas, hospitais e praças. Percebemos também que para alguns o transitar pela praça e as idas ao supermercado traz uma grande memória afetiva pois é o local onde se tem momentos junto a família, o olhar afetivo se estendeu também no momento em que citaram a presença de árvores floridas no trajeto diário que fazem indo e voltando da escola.

### Gabriel Santos de Faria (8º E)

O aluno reconhece perfeitamente o mapa geográfico do seu trajeto. Descreve-o rua a rua, citando o que vê, lembrando-se dos elementos que compõem cada trilha: o salão de beleza, a barbearia, a pizzaria, o comércio de alimentos tão conhecido e frequentado, o posto de gasolina (agora desativado), a padaria e o sacolão, a escola de inglês. O cruzamento, agora um pouco distante de casa, perigoso, carente de melhor sinalização, a escola particular - tão tradicional na região. Já bem perto do colégio em que estuda, o barzinho conhecido, outro posto de gasolina e uma banca de revista, próximos à rotatória, em que uma pracinha meio abandonada; espera por visitantes. E, há poucos metros do destino final de cada manhã, o famoso supermercado. O seu olhar, dentro de um carro, parece capturar cada personagem dessa trilha cotidiana, tão íntima do seu dia a dia, tão percebida pelos olhos e pelo olhar de um jovem que vê ao redor com sensibilidade e criticidade, tão próprias à sua juventude.

## Gabriella Ribeiro Malta (8º D)

A volta para casa, sempre a pé, permite à aluna transitar por ruas diferentes, possibilitando um relato fiel sobre o que vê em cada uma delas. Lojas de roupas, de sapatos, e drogaria, são os pontos mais lembrados pela estudante, que enfrenta um morro para voltar para casa. E é nesse momento em que ela vê outros alunos voltando para casa também. Pelo menos não está só em seu percurso tão íngreme. Na outra rua, majoritariamente residencial, o comércio, obviamente, é raro. Por outro lado, as pessoas povoam cada metro quadrado: muitos alunos indo de vindo de outras escolas, a presença constante de um mesmo homem em um bar – aparentemente curtindo sua solidão entre um copo e outro. No ponto de ônibus, perto de sua casa, é uma mulher que sempre está ali, esperando pelo transporte público - a vida adulta e suas exigências. Mas a volta para casa é marcada, também, por uma parada amiga: uma colega, que mora próximo, e um rápido bate-papo: coisas da vida de uma adolescente que precisa do calor humano. Um último olhar revela uma cena cotidiana tão comum em muitos bairros: um carro parado ao lado de um lava-jato. Sempre ali, à espera de alguém que o remova.

## Júlia Cezario (8º E)

Um olhar de quem veio de outro país, um território vizinho, a Colômbia. Uma percepção ora retratada quando se está a pé, ora quando está dentro de carro. Deste modo, uma constatação: a rua esburacada leva a outro trajeto, a fim de evitar o que já ocorreu uma vez: a quebra do veículo por passar sobre tantas tocas na via pública, comprometendo tanto a estrutura do veículo, quanto o orçamento familiar. As ruas são descritas, o trajeto é detalhado geograficamente, mas seus personagens (de concreto ou não) ficaram de fora da percepção do aluno, tão preocupado com as ruas demasiadamente maltratadas e mal conservadas.

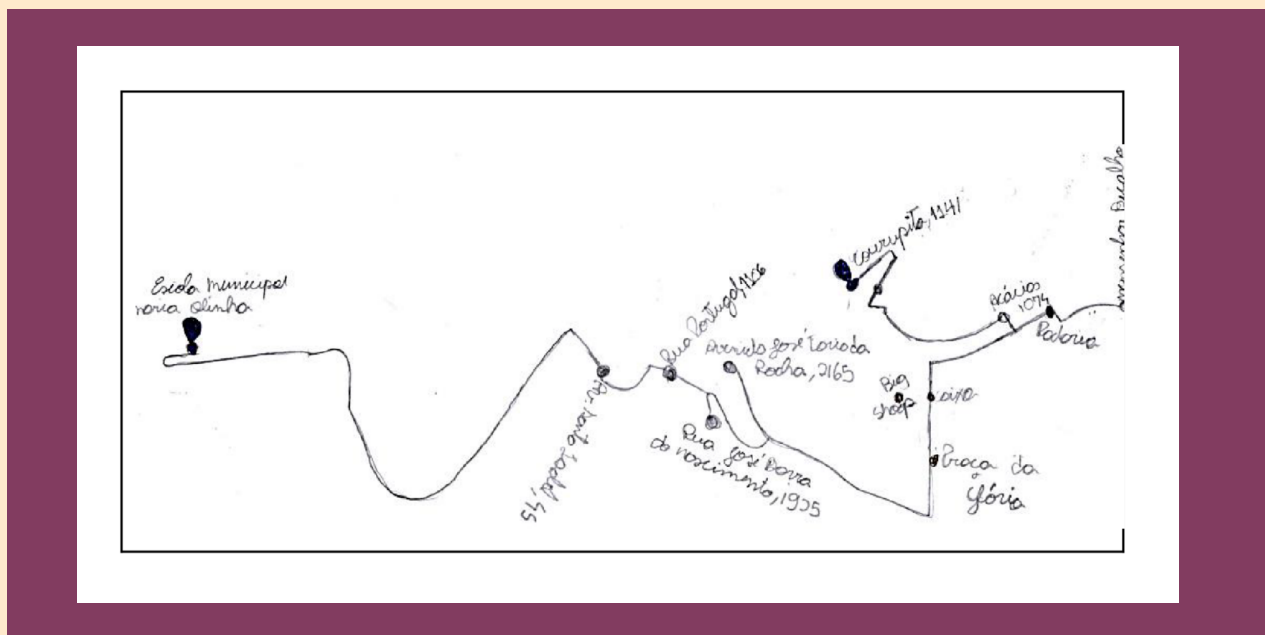
## Pietro Ramos Lima de Souza (8º D)

Em seu relato, sobre a volta para casa, feita de carro, em silêncio, o aluno, em uma filmagem de 2 (dois) minutos e cinquenta segundos, registra o entorno tanto da escola e ainda um trecho além das redondezas: alguns alunos que atravessam a rua, outros que andam pela calçada, os veículos de transporte escolar que seguem de volta para as casas, o comércio em pleno funcionamento, os veículos circulando - sempre de maneira apressada - a pracinha e o supermercado próximos à escola, o sinal que se abre para a continuidade da pequena viagem - uma vez que o estudante diz morar um pouco longe do colégio. Noutra narração, em um curto áudio de 39 segundos, o estudante descreve as vantagens e desvantagem de voltar para casa no carro com o pai. Como vantagens, ele indica: a locomoção segura, bem acompanhada; a presença da irmã, que também vai para a escola; o gasto que é mínimo e a rapidez com que é feito o percurso ao contrário de ser andar à pé ou de bicicleta. Por outro lado, destaca o incômodo de ter que passar por 17 semáforos, o que, segundo ele, transforma o circuito em uma viagem enfadonha e o preocupa, pois há o risco de atraso, como ponto negativo.

## Mapeamento afetivo estudantes 9º ano

Nos mapas e relatos sobre o território entorno à Escola Municipal Professora Maria Olintha, percebe-se que alguns educandos foram bastante pontuais em registrar o que de fato há, relatando de forma impessoal seu percurso diário. Veja dois exemplos a seguir:

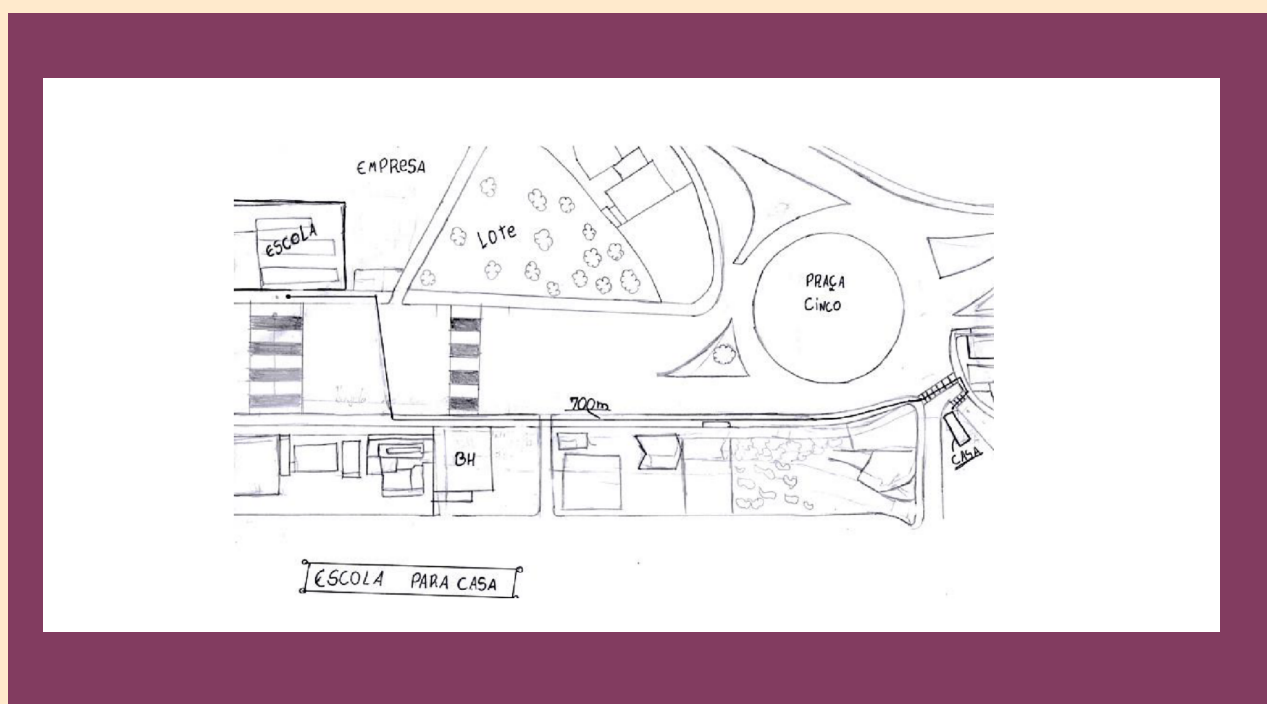
## Figura 2 - Mapa afetivo:



Desenhos de registro do mapa afetivo dos estudantes  
Escola Municipal Professora Maria Olintha.

Nesta representação, além dos nomes das ruas, o estudante destaca apenas o shopping, a Caixa Econômica, a Praça da Glória e a padaria.

## Figura 3 - Mapa afetivo:

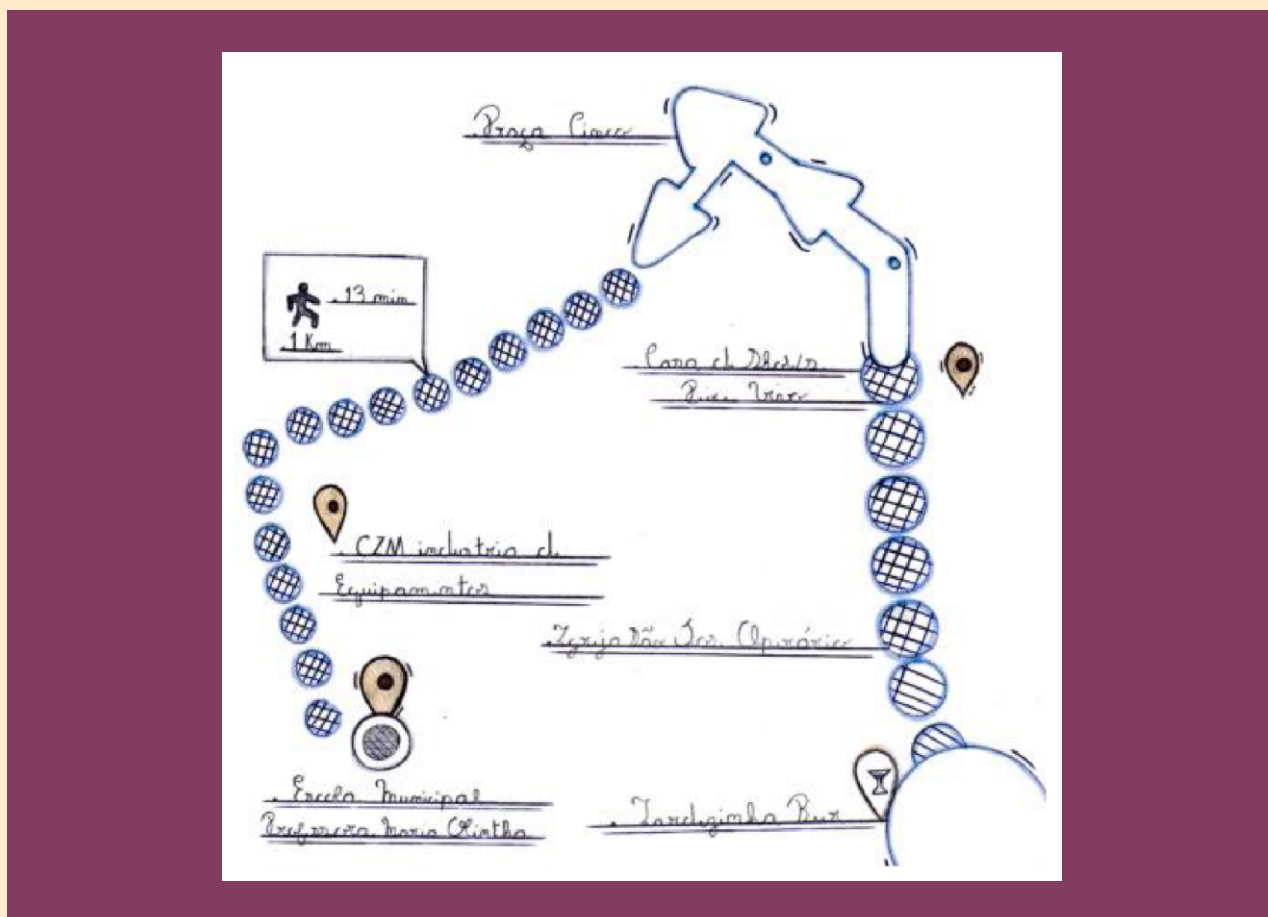


Desenhos de registro do mapa afetivo dos estudantes  
Escola Municipal Professora Maria Olintha.

Este estudante também apresentou um olhar bastante pontual sobre seu trajeto, entretanto, gráfico, mais atencioso. Seu percurso é curto, então é possível observar uma riqueza nos detalhes do que há naquele trecho.

O relato escrito de outro educando apresentou uma perspectiva crítica. Ele vai de bicicleta para a escola e dessa forma consegue apontar coisas que precisam ser melhoradas em seu caminho. Informa que há uma quadra no percurso com a grade quebrada, facilitando que a bola escape para o meio da rua, o que considera perigoso. Também informa que o chão desta quadra está rachado, o que pode machucar os pés de quem a utiliza. Aponta que a praça no meio da rotatória está destruída. E finaliza dizendo que deveriam arrumar alguns passeios e colocar rampas para cadeirantes.

Figura 4 - Mapa afetivo:



Desenhos de registro do mapa afetivo dos estudantes  
Escola Municipal Professora Maria Olintha.



Inicialmente, o educando traçou um paralelo do passado com o presente. Não omitiu o impacto que a pandemia causou em sua vida, inclusive, alterando sua forma de ir à escola: deixando de ir de van com a nova situação, onde vai caminhando, narrando todo o entorno de forma detalhada e sistemática.

Começou relatando sobre a segurança do percurso e que essa sensação vem da quantidade de casas de pessoas que ele conhece e conversa diariamente. Apontou um bar e um ponto de ônibus que fica cheio no horário que ele passa, o que reforça sua sensação de segurança. Reclamou de um trecho difícil de atravessar devido à quantidade de carros, mas ele prefere não trocar de percurso, pois nele encontra amigos que o acompanham no caminho para a escola.

Informou sobre uma praça arborizada, com muitos bancos e bastante movimentada; falou sobre um depósito onde há alguns cachorros, o que ele não compreende; citou um ponto onde ficam vários ônibus estacionados e do outro lado desta rua, encontra um terreno abandonado com muitas plantas, árvores e às vezes é possível observar vacas se alimentam ali; encontra o supermercado BH; muitas indústrias, inclusive abandonadas. Em seguida, surge a escola, onde observa os diversos papagaios e árvores no passeio. Finaliza relatando que gosta de fazer este percurso a pé, pois é uma atividade física e é bom caminhar pela manhã.

## Síntese

O relato dos educandos sugere poucos espaços que dialoguem com a escola à primeira vista, mas que têm potencial de desenvolvimento de atividades pedagógicas.

Foi citado aspectos urbanos, como as vias e passeios, que podem se tornar objeto de análise crítica sobre como o poder público poderia atuar, conhecimento de leis e políticas públicas ou questões sobre acessibilidade. As praças podem ser palco de intervenção cultural ou desenvolvimento de um projeto coletivo sobre sua revitalização. O shopping tem cinema e áreas de lazer, o que pode ser utilizado de forma direta. Sobre as empresas, o trabalho é um importante assunto e pouco abordado no Ensino Fundamental. Então, desde que haja abertura, é possível criar uma parceria para visitas guiadas e apresentação sobre programas de menor aprendiz, que é interesse de muitos educandos do 9º ano. O supermercado BH pode servir de fonte de uma série de pesquisas, sobre preço, percentual de aumento dos produtos, nutrição, layout do ambiente, sobre como caracterizar o público-alvo etc.

O território da escola não apresenta oportunidades óbvias de atividades além dos muros, mas é possível estabelecer vínculos com o nosso entorno, inclusive, interferências artísticas. Nos relatos analisados, não foi citado nenhuma obra de arte, grafite, escultura, mural, stencil, intervenções tão comuns em ambientes urbanos. Até mesmo as pichações, essas que de fato existem, não foram citadas. Não houve relatos que abordassem pontos culturais, o que levanta algumas possibilidades: a ausência desses espaços ou o desconhecimento/ desinteresse por parte dos alunos.

Após a pandemia, talvez a relação dos indivíduos com os lugares tenha se transformado. O contexto virtual oferece muitas possibilidades, o que faz com que voltemos mais o olhar para esses ambientes do que para a vida ao entorno.

Vejo muitos alunos caminhando com fones nos ouvidos, evitando dessa forma a paisagem sonora. Ainda assim, conclui-se que apesar de um olhar singelo sobre o que de fato há no entorno, sempre existe a possibilidade de intervenções pedagógicas significativas, desde que se consiga estabelecer uma ponte com a comunidade.

## Conclusão

Por meio dos relatos dos estudantes, apresentados nesta cartografia, é possível concluir que muitos deles elegem alguns pontos de referência geográfica, estabelecendo com estes locais uma considerável relação afetiva. Verifica-se ainda que, para alguns destes estudantes, o supermercado é um ponto de grande importância em seu cotidiano. Estes estudantes conferem a este espaço um significado que é muito particular a eles. Certamente essa relação não se estabelece para aqueles que frequentam o supermercado com o objetivo de fazer compras.

Embora alguns estudantes façam o mesmo trajeto (pelo menos parte) para acesso à escola, é possível observar que os olhares são peculiares, situações e lugares diversificados fazem parte das observações dos mesmos. Cada um se atenta àquilo que lhe toca de alguma maneira, estabelecendo relações de afeto e referência de maneira muito simbólica.

É possível ainda observar nos relatos, que o entorno da escola é essencialmente formado por instituições fabris e comércio diversificado. Sendo assim, para que haja contribuições aos processos educativos desenvolvidos pela escola, é crucial promover ações que aproximem estes locais à escola.

Em 2022 a escola foi contemplada com o Projeto “Ler é Viver” oferecido pelo Instituto Gil Nogueira em parceria com a empresa Patrus (uma das empresas “vizinha” da escola) que tem como objetivo oportunizar a criação do hábito de leitura e interpretação, disponibilizando livros de literatura infanto-juvenil para estudantes do 1o aos 5o anos do segundo turno.

Desta maneira, a construção desta cartografia permitiu que tivéssemos um olhar diferente para estes estudantes e estabelecêssemos outras relações com os indivíduos e espaços que nos cercam.

# ETAPA III – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

A proposta desta cartografia, é a organização e o desenvolvimento de um **projeto de investigação** visando à construção de processos de ensino e aprendizagem que integrem a escola ao território.

## Cursista:

Débora Grazielle Barros

Hauslton Breno Motta

Joelma da Silva Martins

Luciana Alves da Silva

Maria Aparecida de Madeiros Rodrigues

Maria Aparecida Pinheiro da Silva

Pedro Lucchesi

Rosana Silva de Souza

# Projeto de investigação

**Tema do projeto:** A saúde mental dos estudantes e a necessidades de acompanhamento do profissional de psicologia

**Problematização:** Os dois últimos anos trouxeram uma realidade impactante para nossos estudantes principalmente porque ficaram dois anos com ensino na modalidade remota além de conviverem com o medo e com a perda. Estes sentimentos deverão ser acolhidos e a maneira como será feita é primordial para tudo que virá depois. Os estudantes – desta escola e de muitas outras – passaram por experiências de luto de maneira bastante impactante, vivenciada também por familiares, amigos e pessoas do seu círculo de convivência, além da necessidade de isolamento social. Todas essas experiências precisam ser atendidas de maneira especial. As mudanças na rotina de suas vidas também se transformaram quando retornaram para a escola. Ausentar-se da segurança que o lar representou durante o processo de isolamento social também gerou alguns impactos e o principal deles é a ansiedade.

Considerando o dissemos até aqui e que o processo de construção do onhecimento passa pelas práticas vividas pelos estudantes, ponderamos sobre um desafio maior: viver (e conviver) em processos de ansiedade em casa durante todo o tempo isolamento além de estar com os colegas que no retorno na escola passam pela mesma experiência a ansiedade generalizada. Um grupo de estudantes procurou um professor da escola e disse que após observar vários colegas de turma e de várias outras turmas, percebeu que muitos destes colegas estavam tristes e inseguros, chorando e com muito medo. Além disso, "essas questões os instigavam muito", gerando desta forma o ímpeto de fazer algo para contribuir para a mudança desse quadro. Percebendo que este quadro melancólico era algo comum na comunidade escolar, o grupo decidiu solicitar à direção a presença de um psicólogo na escola para atender às demandas dos colegas que passavam por aquelas crises (de ansiedade e de medo).

**Desenvolvimento:** Com a participação das estudantes: Gabriela Ribeiro Malta, da turma 8o ano D, Isadora Soares Andrade da Costa, da turma 8o ano C, Maria Eduarda Cordeiro Vitorino, da turma 8º C.

De acordo com a fala das estudantes, uma das estratégias abordadas seria uma entrevista com os demais estudantes da escola, a fim de buscar informações sobre a implementação do projeto psicólogo na escola, sua importância e atuação dos profissionais de psicologia no sentido de favorecer aspectos da saúde mental.

As estudantes propõem a realização de entrevistas presenciais que seriam filmadas mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, feita pelos participantes e respectivos responsáveis. Propõem, ainda, realização de uma palestra de conscientização sobre a importância da saúde mental e da relevância de apoio psicológico profissional aos que precisam, bem como informar sobre como poderia ser desenvolvido, em que áreas haveria atuação dos profissionais. É importante destacar que deverão ser considerados para este projeto profissionais que tenham atuação direcionada à saúde mental de crianças e adolescentes. Será necessária uma sala ambientada para atendimento coletivo e também individual destas crianças e adolescentes durante a execução do projeto. Propõe, ainda, que sejam feitos encontros uma vez por mês de maneira coletiva, com palestras direcionadas à comunidade escolar, abordando temas referentes à saúde mental e ao comportamento humano pós-pandemia.

**Síntese e avaliação:** Palestra com a psicóloga. Roda de conversa. Brainstorm.

É fato que a pandemia de COVID-19 ainda vai promover muitos desdobramentos sobre a saúde mental e emocional de todos, especialmente crianças e adolescentes. Durante dois anos praticamente isolados em casa, longe de amigos e da convivência tão necessária na escola, eles se mostram agora mais ansiosos, irritados e com dificuldades de se relacionar com colegas e professores, já que tiveram como principal companhia nesse período de confinamento as telas do celular e computador. É sabido que muitos estudantes apresentaram sintomas de depressão e ansiedade durante a pandemia. Dados recentes (Faculdade de Medicina da USP, por exemplo), mostram que um em cada três adolescentes (ou pré-adolescentes) tem níveis de estresse emocional em uma intensidade que é considerada necessária para uma avaliação. No fim do ano passado, relatório do Unicef já alertava que crianças, adolescentes e jovens poderão sentir o impacto da COVID-19 em sua saúde mental e bem-estar por muitos anos. As estimativas mais recentes apontam que, globalmente, mais de um em cada sete meninos e meninas com idades entre 10 e 19 anos vivam com algum transtorno mental diagnosticado. Cerca de 46 mil adolescentes morrem por suicídio a cada ano.

Colher depoimentos para serem avaliados por um (a) profissional da psicologia. Relatório da psicóloga com informações sobre o desenvolvimento do trabalho. Em dois anos de isolamento provocado pela pandemia, a ruptura com a rotina de aulas, atividades extracurriculares, recreação, problemas de saúde em casa e a preocupação com a renda familiar, com pais sobrecarregados ou desempregados, encontramos muitos jovens com medo, irritados e inseguros em relação ao futuro. Muitos estudantes vêm sofrendo daquilo que a psicologia denomina uma crise de ansiedade (até mesmo coletiva).



Os sinais são claros: instabilidades como choro excessivo, falta de ar e tremor. Todo esse ambiente tem assustado pais e educadores e acende o sinal de alerta sobre o que está acontecendo com a saúde mental das crianças e jovens no pós-pandemia. A crise de ansiedade é provocada por algum gatilho. Esse tipo de transtorno, que atinge, em sua maioria, crianças e adolescentes, é caracterizado pela persistência e é considerado o mal do século por psicólogos e psiquiatras. Especialistas já alertam para a “segunda pandemia”, de doenças mentais e emocionais: ansiedade, depressão, compulsão alimentar, TOC, irritabilidade, agressividade, síndrome do pânico, rebeldia, dificuldades de relacionamento, dificuldade de conviver e compartilhar espaços com outras crianças.

Não dá para fechar os olhos e achar que como controle da pandemia está tudo voltando ao normal. As escolas e as famílias vão ter que encontrar formas de ajudar as crianças e adolescentes a processarem as vivências que tiveram no período de isolamento, os medos, perdas e o excesso de telas. É papel das escolas abrir espaço para essa discussão tão fundamental na vida das crianças e jovens, em que pese o cronograma escolar. O momento exige atenção à saúde emocional, ao acolhimento, momentos de brincadeiras e menos cobrança curricular. Trazer os estudantes para dentro dessa discussão para juntos, pais, escolas, professores e alunos, priorizarem a saúde mental e emocional.

Ansiedade, depressão, transtorno bipolar, transtorno de conduta, transtornos alimentares, entre outros, podem prejudicar significativamente a saúde, a educação e o futuro de crianças e jovens, com consequências pessoais, nas famílias e na sociedade como um todo. Em função disso, não é possível pensar na pandemia controlada só pelo lado da redução do número de mortes e contaminados pela doença. É preciso ir além e investir urgentemente no cuidado da saúde mental e emocional desses jovens, buscando uma abordagem intersetorial, incluindo, inclusive, a comunidade escolar na discussão de ações para a prevenção de doenças e promoção da saúde. Não há uma atenção prioritária no Brasil em relação à saúde mental e o impacto na vida futura de crianças e adolescentes.

Por isso, é fundamental que as escolas promovam programas e espaços (como tivemos na Escola Municipal Professora Maria Olintha no final de 2022 - e que esperamos dar continuidade em 2023) para ajudar pais e alunos no atendimento desses jovens para que as emoções e perdas que tiveram durante a pandemia sejam devidamente acolhidas e atendidas. Como bem disse Guimarães Rosa em sua obra-prima Grande Sertão: Veredas: "Só se pode viver perto do outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura".

# **ETAPA IV - EDUCAÇÃO INTEGRAL E PROCESSOS EDUCATIVOS: ENTRE PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS**

Nessa etapa foi refletido sobre o processo vivenciado pela escola até o momento e apontar os caminhos que serão percorridos na realização do projeto.

## **Cursista:**

Bruna Carla

Débora Grazielle Barros

Hauslton Breno Motta

Joelma da Silva

Luciana Alves da Silva

Maria Aparecida de Medeiros Rodrigues

Maria Aparecida Pinheiro da Silva

Pedro Lucchesi

Rosana Silva de Souza

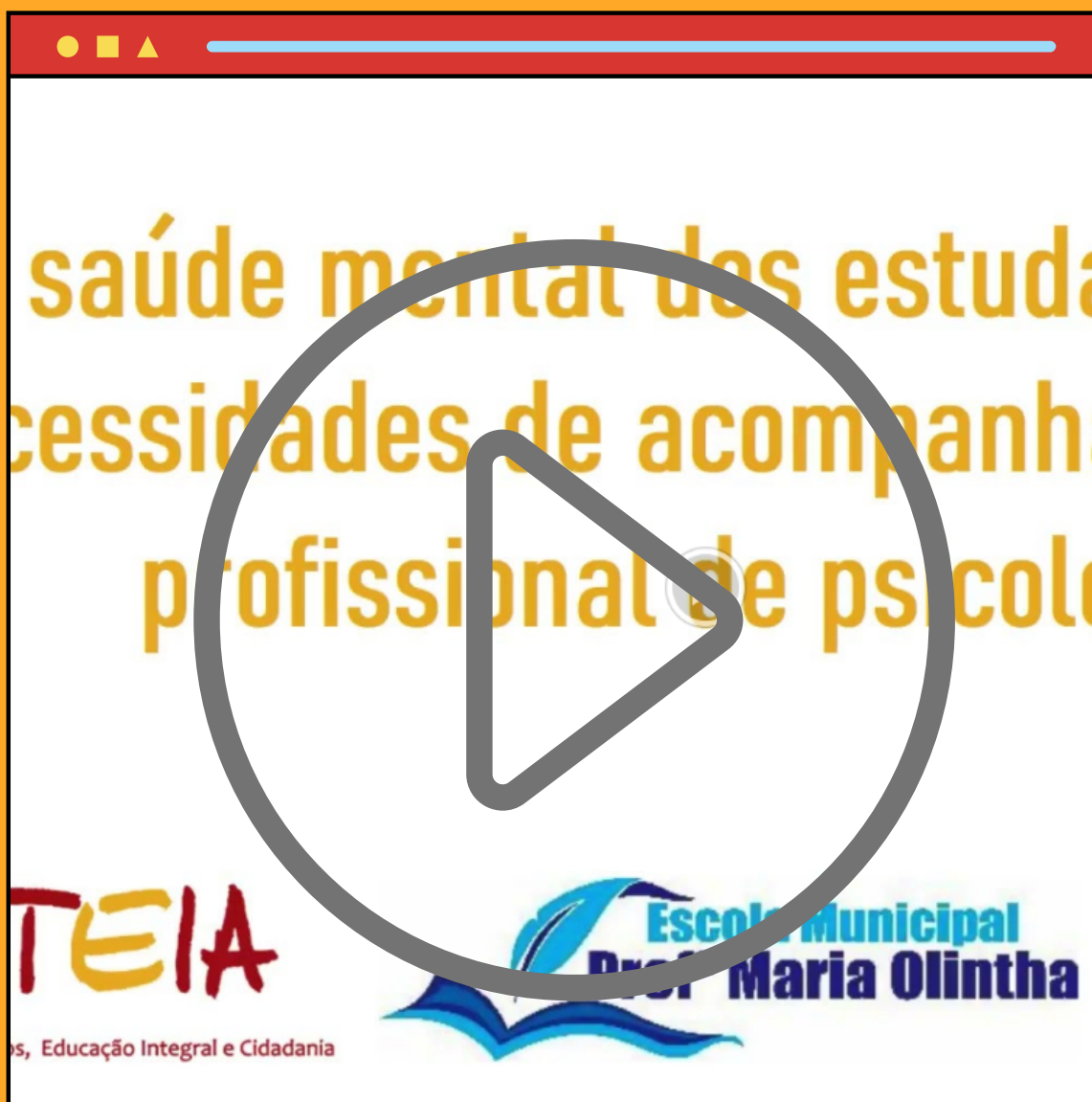
Para isso, foi proposto algumas questões a partir das quais foi produzido um vídeo.

As questões, são elas:


- Qual tema/ problema do projeto de investigação proposto?
- Em que etapa do projeto vocês estão? Como os debates propostos pelo curso contribuíram para a construção deste projeto no que diz respeito à sua forma e ao seu conteúdo?
- Qual o potencial do projeto no que diz respeito ao estreitamento da relação da escola com o território e com os seus saberes?
- De que modo o projeto contribui para a construção de uma educação integral?
- Quais serão os próximos passos para o desenvolvimento do projeto?

Vídeo:


Clique aqui na imagem a seguir e ouça o podcast do Projeto Saúde Mental:



# Cronologia do Projeto de investigação:




Em 2020 e 2021, devido a pandemia de Covid-19, as escolas adotam o regime de ensino remoto. Com isso, educandos e profissionais da Educação não estabelecem conexões em um ambiente físico comum por quase dois anos.




Observando todas essas dificuldades enfrentadas por colegas, duas alunas do 6º ano da EM Professora Maria Olintha, irmãs gêmeas, decidiram escrever uma carta para a diretora da escola solicitando que a escola contratasse uma psicóloga para atender as demandas de crianças e adolescentes naquele contexto.

**Participantes da atividade:**

- Débora Grazielle Barros
- Hauslton Breno Motta
- Joelma da Silva Martins
- Luciana Alves da Silva
- Maria Aparecida de Madeiros Rodrigues
- Maria Aparecida Pinheiro da Silva
- Pedro Lucchesi
- Rosana Silva de Souza



Na volta às aulas observou-se que os educandos trouxeram diversas questões que dificultaram a sua vivência escolar: ansiedade, depressão, violência, falta de atenção, entre outras.



A presença de uma psicóloga contratada pela escola é algo que não depende apenas do interesse da escola, mas da rede municipal de educação de Contagem. Porém, percebendo que o pedido das alunas do 6º ano estava em ressonância com o desejo de várias outras estudantes, a direção convidou uma psicóloga para conversar com as turmas do período da manhã.

No dia 02 de dezembro, a profissional Anelise Rodrigues Vitorino, que tem experiência em trabalhos com grupos, a exemplo dos atingidos pelo rompimento da barragem em Brumadinho, esteve na escola e conversou com os estudantes sobre algumas das questões que os afetam e impactam as suas relações e a sua aprendizagem.

## Feedback das equipes:

Percurso 1 – As atividades individuais e coletivas do percurso foram realizadas. Com destaque para empenho para as atividades coletivas, uma vez que o grupo de docente, organizaram, de acordo com as possibilidades oferecidas e com todas as adversidades, um momento para refletirem a realidade da escola e fazerem as atividades do curso. A participação nos encontros síncronos com retornos das trocas, foi efetiva. A escola está localizada em território urbanizado, o que possibilitou reflexões específicas acerca das dimensões que compõem a formação dos/as sujeitos/as estudantes. O destaque para formação das identidades dos sujeitos/as estudantes revelam no acompanhamento das relações possíveis no território, a importância de considerar o gênero e a raça na sua composição.

Percurso 2- Neste percurso, os docentes reconhecem o território a partir dos olhares dos estudantes. Os estudantes fizeram mapas e deram depoimentos sobre suas vivências no entorno da escola. Estes ao relatarem os percursos percorridos no exterior da escola, expressaram principalmente pelas interações de afeto, as relações com os diversos lugares. Inclusive apontando possibilidades de melhorias dos espaços pelo poder público. Os mapas revelam espaços utilitários, mas também para o lazer.

Percurso 3 - este percurso, colocou no centro das discussões a saúde mental pós-pandemia, acolhendo uma solicitação das estudantes do fundamental II. Essa demanda, relacionada à saúde psíquica no ambiente escolar, a muito tempo vem sendo pontuado pelos docentes das escolas públicas.

## Feedback das equipes:

Após a pandemia tem sido uma constante, o fato da demanda ganhar materialidade pelas estudantes, e ser acolhida, reflete o quanto todos sujeitos são afetados pelas interações no ambiente escolar. O relato das ações possíveis, produzidas promovidas pela escola, a partir da demanda, aponta possibilidades e limites em promover o espaço interativo com a profissional da saúde psíquica. O que indica a necessidade de intervenção do poder público em viabilizar a presença dos profissionais nas escolas.

Percurso 4 - A atividade realizada, a partir da recepção da demanda das estudantes do 6º e 8º ano, demonstrou que se trata de uma escola que acolhe e tem abertura às questões propostas pelos/as sujeitos/as. O momento prático foi de grande interatividade entre a profissional da saúde e o coletivo de estudantes. Os desafios, consiste em proporcionar um atendimento constante, que valorize as demandas dos sujeitos na esfera individual também, uma vez que as estudantes constaram entre os amigos questões emocionais de choro, irritabilidade, etc. Porém, não depende exclusivamente da organização da escola, mas do poder público.

Os percursos nos possibilitaram verificar as dimensões de formação dos/as sujeitos/as, para além do ambiente escolar, tanto dos/as estudantes, quanto dos/as docentes. A diversidade de interações com os lugares no território externo à escola, interage com as relações internas do ambiente escolar. As memórias, os afetos apresentados pelos estudantes seja pelos mapas desenhados ou depoimentos, apontam as dimensões afetivas, cognitivas de formação e desenvolvimento. Nesse sentido é possível dizer, pela experiência do curso, que no processo de uma educação integral, é importante ampliar a visualização das dimensões de formação dos sujeitos/as e considerá-las no ato de educar.



# **Territórios, Educação Integral e Cidadania**

